Revista

FUTURO DO PRETÉRITO

JUN.2024 • VOL. 2 • NÚM. 6

FEUSP

SETORES: Coletivo Autista da USP (CAUSP)

CONVERSA COM QUEM MANJA: Luciano Gomes de Sousa

RELATOS: TEA e educação, com a psicóloga Natália Moraes

BIOGRAFIA: Eduardo Pimentel da Rocha

PARA SABER MAIS SOBRE: A intersecção entre educação e TEA

UMA LINHA DO TEMPO PSICOSSOCIAL: O entendimento do autismo enquanto alteridade

10 COISAS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Rafael Estevam guerra

ISSN 0026-7546

9 770026 754553

Futuro do Pretérito
(revista estudantil da FEUSP)
ISSN: 2675-455X
Publicação eletrônica (divulgação)
Quadrimestral

Imagem da capa
Eduardo Pimentel da Rocha (Arquivo pessoal)

Direção Editorial
Nickolas de Angelo Sugarava da Silva (FFLCH/USP)

Conselho Editorial
Amanda de Oliveira Labigalini (FEUSP)
Bianca dos Santos Lima (FFLCH/USP)
Glauber Carvalho da Silva (IME/USP)
Ludmilla Gonçalves Rios (FFLCH/USP)
Maria Clara Gerardi Urich (FEUSP)
Nickolas de Angelo Sugarava da Silva (FFLCH/USP)
Rafael Estevam Guerra (FFLCH/USP)

Revisão
Fabiana do Amaral Godioso (FEUSP)
Giovana Luiza Carneiro (FEUSP)
Maria Luíza Gutierrez de Camargo (FEUSP)
Natalia Miranda Fernandes da Silva (FFLCH/USP)
Patricia Cristina Martins Freitas (FFLCH/USP)
Rebeca Alves Farias (FEUSP)
Tânia Pasqualucci (FEUSP)
Valentina Nicolino Pereira (FFLCH/USP)

Diagramação
Ana Larissa Porto Leite (FEUSP)
Bruna Biselli Moraes (FEUSP)
Juliana Leandra Silva de Oliveira (FEUSP)
Michele Campos Silva (FEUSP)
Nicolle Marinho Martins (FFLCH/USP)
Samira Kamel Sakr (FEUSP)
Marina Gonçalves Barbedo (FFLCH)
Jennifer Souza Almeida (FFLCH)

Assessoria de Imprensa e Comunicação
Bruna Biselli Moraes (FEUSP)
Gabriela Bastos Mellone (FEUSP)
Juliana Leandra Silva de Oliveira (FEUSP)
Mariana Naumoff Fujii (FEUSP)

Apoio e Fundação
Beatriz Hitos Silva (Alumni FEUSP)
Giulianna Ramalho Osteti (Alumni FEUSP)
Millena Miranda Franco (Alumni FEUSP)

Colaboração
Comunicação e Mídia da FEUSP
Direção da FEUSP

Universidade de São Paulo
Reitor Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Educação
Diretora Profa. Dra. Carlota Boto
Vice-Diretor Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Avenida da Universidade, 308
Cidade Universitária - Butantã
05508-040 - São Paulo - Brasil

Escreva para a revista Futuro do Pretérito
revista.futuro.preterito@gmail.com

Visite nossa página:
http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
Fone : (11) 9 4545-2192

• As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão do corpo editorial da revista Futuro do Pretérito.

Revista
FUTURO DO PRETÉRITO
FEUSP

SUMÁRIO

05

APRESENTAÇÃO

Estamos muitos felizes por estar aqui! Esta é a primeira revista feita por estudantes na história da FEUSP!

08

10 COISAS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

10 coisas importantes que você deve saber sobre o transtorno do espectro autista

18

PERGAMINHO DO TEMPO

Uma linha do tempo psicossocial: o entendimento do autismo enquanto alteridade

35

RELATOS

Relato sobre relato sobre TEA e educação com a psicóloga Natália Moraes, especialista em autismo pela USP, UNIFESP e UFSCAR.

39

CONVERSA COM QUEM MANJA

Entrevista com Prof. Luciano Gomes de Sousa

44

SETORES

Conheça o Coletivo Autista da USP

46

BIOGRAFIA

Entrevista com Eduardo Pimentel da Rocha

50

FIQUE DE OLHO

Fique por dentro dos principais eventos e atividades formativas do momento!

52

HORA DA DESPEDIDA

Entre para o nosso time! A revista é sua!

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 05

APRESENTAÇÃO

Por: Glauber Carvalho da Silva

Queride leitore, é uma honra me comunicar com você nesse momento. Se ainda não me conhece, prazer! Sou a Revista Futuro do Pretérito, elaborada por estudantes da Universidade de São Paulo (USP). Nesta nova edição, desejo ampliar o seu repertório sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e aguçar sua curiosidade e reflexão sobre o tema. Dessa forma, pretendo contribuir nos debates sobre Educação e TEA, partindo da substancialidade do campo da Educação se atentar às diferenças e especificidades evocadas por pessoas do espectro. Assim como espero contribuir na ruptura de estigmas e preconceitos associados a essa população.

Para começar, convido-lhe a ler a seção "10 coisas sobre o Transtorno do Espectro Autista" redigida por Rafael Estevam Guerra. Nesse texto, o autor contextualiza historicamente pesquisas que discutem o autismo. Em especial, é apresentada a sua multiplicidade, esclarecendo que não se pode pensar em diagnósticos únicos. Além disso, a partir do escrito por Guerra, alega-se que o espectro autista não é uma doença, mas uma diferença no neurodesenvolvimento. Nessa direção, Rafael traz 10 coisas interessantes para você saber sobre o TEA, com informações científicas, reflexivas e curiosas.

Você não pode parar por ali! Na próxima seção, de título "Uma linha do tempo psicossocial: o entendimento do autismo enquanto alteridade", escrita por Bianca dos Santos Lima, temos a tentativa de elucidar a historicidade do espectro e das leis brasileiras sobre o tema. Essa autora destaca um movimento de ressignificação do TEA, de modo a esclarecer a importância de valorizarmos as diferenças e não as transformar em desigualdades. Nesse sentido, Lima traz algumas leis que contribuem para a inclusão de pessoas do espectro, asseguram direitos e tratam das especificidades des autistas. Vale pontuar a Lei n° 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, na qual o TEA passa a ser entendido como deficiência e, portanto, pessoas do espectro são concernidas nas políticas públicas pensadas às Pessoas com Deficiência (PcD). Entretanto, decerto, ainda são muitas as dificuldades para a inclusão de pessoas autistas, especialmente na Educação.

Assim, no que segue, Amanda de Oliveira Labigalini entrevista a psicóloga Natália Moraes para discutir sobre a relação entre Educação e TEA, conforme vemos na seção "Relatos". Nesse texto, você vai se deparar com diversos questionamentos que promovem um debate sobre como propor, de fato, a inclusão de pessoas com TEA nas escolas. Desse modo, Natália fala sobre a importância des acompanhantes terapêuticos para o trato das

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 06

especificidades de alune, assim como da impreteribilidade da escola no processo de socialização e desenvolvimento.
A psicóloga ainda dialoga sobre a necessidade de família e escola terem uma boa relação e das instituições de ensino se atentarem às particularidades des estudantes com TEA para a promoção da inclusão.

Nessa direção, convido você a ler o texto "Conversa com quem manja!", elaborado por Maria Clara Gerardi Urich como transcrição de uma entrevista com o professor e pesquisador Luciano Gomes de Souza. Acredito que esse escrito tem o papel de ajudar na reflexão sobre possibilidades para o exercício da inclusão de pessoas com TEA. Em especial, Luciano tem um projeto de xadrez para autistas na sua escola e, na entrevista, comenta a substancialidade do olhar interdisciplinar do xadrez e o desenvolvimento das habilidades de interação e socialização em decorrência desse jogo. Vale colocar que o entrevistado discute o papel des professories em se atentar aos sinais/possibilidades des alunes serem diagnosticades com TEA, uma vez que, para ele, um diagnóstico precoce colabora com uma qualidade de vida futura. Contudo, Souza reitera que não cabe ao corpo docente dar um diagnóstico, que isso é responsabilidade de um profissional adequado.

Na seção seguinte, chamada "Setores", escrita por Glauber Carvalho da Silva, vemos uma descrição do Coletivo Autista da USP (CAUSP) enquanto um espaço de luta e acolhimento. A análise de uma pesquisa realizada pelo coletivo e um artigo do Jornal USP sobre uma Política de Acessibilidade Pedagógica, produzida pelo CAUSP, são objetos que fundamentam a escrita do texto. Espera-se que a leitura possa favorecer um olhar atento para o apoio à luta por permanência de alunes autistas na USP, assim como apresentar o CAUSP como um espaço possível para elus.

Você, queride leitore, não pode deixar de ler a seção "Biografia", na qual Nickolas de Angelo traz uma entrevista com Eduardo Pimentel, professor e pesquisador do TEA. O entrevistado comenta que os direitos das pessoas com TEA são frutos de muita luta de familiares e apoiadories da causa, que não foram conquistas fáceis. E, assim, Pimentel fala da importância de conscientizar todes sobre o Transtorno do Espectro Autista, pois a falta de informação adequada infere em prejudicar es indivídues do espectro. Desse modo, Eduardo comenta que es educadories precisam acolher e integrar as diferenças, a fim de garantir que todes sejam incluídes.

Por fim, na seção "Para saber mais sobre: A intersecção entre Educação e TEA", escrita por Ludmilla Gonçalves, você vai encontrar possibilidades para se emergir na discussão sobre TEA e Educação. Em especial, o CAUSP é tido como uma oportunidade, se você é autista ou está esperando o diagnóstico, para se inserir numa rede de acolhimento e luta por permanência na Universidade de São Paulo. Além disso, é recomendada a leitura de

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 07

uma dissertação e, para você que adora uma sériezinha para assistir, sugerimos dar uma olhada em “Everything’s Gonna Be Okay”.

Ora, você não vai ficar de fora dessa leitura, né? Espero, de coração, que você goste do que preparamos e propomos. Uma ótima leitura, queride leitore! Até a próxima!

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 08

10 COISAS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Por: Rafael Estevam Guerra

NOTA AO LEITOR

Estimado leitor, é um desafio redobrado escrever sobre um tema o qual o próprio autor é parte do grupo. Este que vos escreve é um "*aspie*" de diagnóstico tardio, que viveu grande parte de sua vida sob o estigma, o preconceito e o isolamento social. Busquei escrever de forma imparcial e impessoal, recorrendo não à minha experiência, mas à ciência para descrever e discursar sobre o autismo. Em alguns trechos a experiência teve sua oportunidade de brilhar, e assim o fez, sem ofuscar a ciência. Destaco que o autismo é tão grande quanto os mistérios da mente, e cada um, tanto neurotípico quanto neuroatípico, é uma constelação de desafios em si próprio. O autismo não é uma doença, não precisa de cura, nem de tratamento. Existimos, vivemos e sobrevivemos. Somos apenas diferentes.

INTRODUÇÃO

Intercambiáveis, o termo "autismo", "transtorno do espectro autista", ou, em uma linguagem menos agressiva, "espectro autista", são termos que designam uma série de apresentações e quadros clínicos que podem englobar aspectos como déficits de comunicação e linguagem, dificuldades de socialização, estereotipias, interesses específicos e hiperfocos, e também inúmeras outras apresentações. O espectro autista determina uma condição neurodiversa e neuroatípica, isto é, não representa uma doença, mas uma apresentação de neurodesenvolvimento diverso do padrão.

O termo "autismo" foi introduzido por Eugen Bleuler (1857 – 1939), um renomado psiquiatra suíço, em 1911 para designar uma característica indefinida assemelhada ao quadro psiquiátrico da esquizofrenia. Vale destacar que, para o psiquiatra, o autismo apresentava como principais elementos a perda de contato ou desligamento da realidade, a dissociação das ideias e a ausência de sentimentos, e absoluta vida interior, típicos de um quadro esquizofrênico não-especificado.

Foi em 1943 que Léo Kanner (1894-1981), psiquiatra austríaco-estadunidense, designou o autismo como uma condição per si isolada dentro de um quadro esquizotípico, ou seja, ainda era considerado um quadro de esquizofrenia. A partir deste estudo com 11 crianças, o psiquiatra austro-americano observou que, diferentemente

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 09

da esquizofrenia, as crianças apresentavam condições de “autismo extremo, obsessão, estereotipia, e ecolalia” desde o nascimento, com quadro de relação afetiva significativa e inteligente com objetos. As observações de Kanner levaram também à definição do quadro tido como “mais severa” da condição autista, atualmente conhecida como Síndrome de Kanner, descrita pelo autor à época com sintomas como olhar ausente, estereotipias, ausência de apelo ao outro, angústia, e atrasos ou ausência do desenvolvimento da comunicação, com ou sem ausência da linguagem.

Praticamente ao mesmo tempo que Kanner, um pediatra austríaco desenvolveu pesquisas em domínio semelhante ao psiquiatra austríaco-estadunidense, este era Hans Asperger (1906-1980) – tendo conduzido um estudo com duzentas crianças com diagnóstico de limitação social, o pediatra observou que outras características também estavam presentes: marcha extremamente racionalizada, olhar periférico, dificuldade de compreender emoções alheias, imutabilidade e resistência à mudança, aliados a um grau de inteligência normal ou acima da média. Os estudos de Asperger levaram a mais uma definição de quadro que, inicialmente, era considerado parte do Espectro Autista e mais tarde passou a ser considerada uma outra condição assemelhada: a Síndrome de Asperger.

Considerado o “pai da pesquisa do autismo”, o psiquiatra americano Bernard Rimland (1928-2006) estudou o autismo em crianças entre as décadas de 1950 e 1960. O psiquiatra defendeu sistematicamente uma visão do autismo como uma condição de neurodesenvolvimento, e não uma doença mental assemelhada à esquizofrenia. Foi Rimland que descreditou uma pesquisa de 1998, desenvolvida por Andrew Wakefield, ativista anti-vacinas britânico, que alegava vacinas serem causadoras do autismo.

O espectro autista é amplo, heterogêneo, inespecífico, e seu diagnóstico depende de uma série de testes intelectuais, cognitivos e de socialização. Embora tenha sido por muito tempo considerado uma condição monolítica representada por um único bloco de sintomas repetitivos, hoje o TEA é considerado um espectro – na prática, isso significa que as apresentações variam de pessoa para pessoa, inclusive dentro da mesma síndrome – comorbidades e condições colaterais tendem a se apresentar junto ao TEA, diferindo na casuística. Inúmeras são as pesquisas desenvolvidas sobre o espectro autista, muitas as quais determinaram quadros laterais próximos ao autismo, como a Síndrome de Kanner, a Síndrome de Asperger, e a Síndrome de Savant.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 10

QUAIS SÃO AS 10 COISAS SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA?

1. É MENTIRA QUE VACINAS CAUSAM AUTISMO

A teoria de que as vacinas contra sarampo, caxumba e rubéola seriam precursoras do quadro autista foi desenvolvida em 1998 pelo teórico da conspiração, fraudador, ativista anti-vacinas e convicto britânico, Andrew Wakefield e colegas de pesquisa. Neste estudo, mais tarde comprovado por Bernard Rimland, psiquiatra da Marinha Estadunidense, como um experimento forjado, os autores sugeriam que a vacinação predispunha crianças à regressão comportamental, além de comprometer o desenvolvimento pervasivo infantil. Com uma amostra de análise limitada a 12 indivíduos, uma natureza altamente especulativa sem comprovações, esta pesquisa recebeu publicidade ampla da grande mídia, uma vez ter sido publicada na renomada revista científica Lancet – a partir de então, as taxas de vacinação caíram severamente ao redor de todo o mundo. Mais tarde, foi comprovado que Wakefield foi financiado por escritórios de advogados contratados por associações de pais e mães contra farmacêuticas produtoras de vacinas. Ficou comprovado por vários pesquisadores, incluindo uma série de publicações do periódico científico *British Medical Journal*, expondo que Wakefield cometeu fraude deliberada ao selecionar os 12 casos que foram analisados em sua pesquisa com objetivo de obter ganhos financeiros financiados pela associação de pais e mães contra as empresas farmacêuticas fabricantes de vacinas.

2. AUTISMO NÃO É UMA DOENÇA

Antes de discutirmos se autismo é ou não uma doença, vale municiarmos do que significa uma doença, o conceito mais amplamente difundido é desenvolvido por Jenicek & Cléroux “Desajustamento ou falha nos mecanismos de adaptação do organismo, ou uma ausência de reação aos estímulos a cuja ação está exposto [...] processo que conduz a uma perturbação da estrutura ou da função de um órgão, de um sistema ou de todo o organismo ou de suas funções vitais”. Uma vez que sabemos que o autismo não causa nenhuma perturbação ou aspecto físico e nem mesmo oferece risco a nenhum órgão ou função vital, podemos então dizer que o autismo não é uma doença.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 11

3. ATÉ O FIM DA DÉCADA DE 70, O AUTISMO AINDA ERA CONSIDERADO UM TIPO DE ESQUIZOFRENIA

O psiquiatra suíço Paul Bleuler cunhou o termo “autismo” em 1911 para designar um sintoma ou apresentação da esquizofrenia, definido como “desligamento da realidade combinado com a predominância da vida interior”. Essa definição foi relativamente bem aceita por parte da comunidade científica, uma vez que entendia-se o autismo como sintoma de uma condição, e não como uma condição per si. Em 1943, a primeira descrição clínica do autismo era desenvolvida por Kanner, ainda considerando uma apresentação típica de esquizofrenia – o psiquiatra definiu o autismo como “isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação da constância”

Até os fins da década de 1970, o autismo ainda era considerado uma forma de esquizofrenia na categoria de psicoses (nos DSM-I de 1962 e no DSM-II de 1968), foi em 1979 que dois psiquiatras americanos construíram o que viria a ser a tríade diagnóstica do autismo: deficiências de comunicação, socialização e imaginação. Com a publicação do DSM-III, em 1980, criou-se a seção experimental de Transtornos Globais do Desenvolvimento, em que encaixava-se o autismo.

4. TEA É CONSIDERADO UM TRANSTORNO DO NEURODESENVOLVIMENTO

Na prática, isso significa que as deficiências características do autismo passam a ter um aspecto mais “qualitativo” que “quantitativo”, com a publicação do DSM-IV, em 1994, o autismo passou a ser descrito como uma extensão de deficiências e não com a presença ou ausência de comportamentos. Isto é, passou a ser um espectro que depende de observações e apresentações clínicas efetivas em uma gama de distúrbios, como: autismo clássico; síndrome de Asperger; síndrome de Heller; síndrome de Rett; TGD-SOE (transtorno global sem outra especificação).

Com a designação formal de transtorno do neurodesenvolvimento, o autismo deixou de ter feição de doença e esquizofrenia, para ter uma característica de neurodiversidade – uma vez que, não se apresentando elementos canonicamente vinculados ao conceito clássico de doença, como mudanças físicas observáveis e riscos às funções vitais, o TEA deixou de ser considerado uma doença que exigia tratamento e cura, e passou a ser, formalmente, uma condição de desenvolvimento característica de pessoas neuroatípicas.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 12

5. EM 2020, UMA A CADA 36 CRIANÇAS ERA DIAGNOSTICADA NO TEA.

O CDC (Center for Diseases Control) nos Estados Unidos emite, de dois em dois anos, um relatório com informações importantes na prevalência de TEA com referência local nos EUA – este número, em 2004, era de uma a cada 166 crianças, enquanto em 2012 estava em uma a cada 88, e 2018, uma a cada 54.

Embora este aumento não possa ser diretamente decifrado, um dos principais pontos estudados é o aumento da idade média do diagnóstico – isso significa, na prática, que mais crianças tem recebido diagnóstico, no entanto, em idade mais avançada: o que pode prejudicar aspectos de integração e adaptação sociais, assim como possivelmente dificultar diagnósticos diferenciais.

6. 2 DE ABRIL É O DIA MUNDIAL DA CONSCIENTIZAÇÃO DO AUTISMO.

Em resposta a um quadro do TEA como uma emergência de saúde pública global, a Organização das Nações Unidas em 2008 decretou a data de 2 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo – em 2010, a entidade americana Autism Speaks, convocou a campanha Light It Up Blue para iluminação em azul de monumentos ao redor do mundo, com objetivo de conscientização do quadro.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 13

7. TEA NO BRASIL É RECONHECIDO COMO DEFICIÊNCIA PARA TODOS OS EFEITOS LEGAIS.

Através da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, ou Lei Berenice Piana, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pela presidente Dilma Rousseff, a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista é instaurada – para isso, a pessoa com TEA é considerada um portador de deficiência para todos os efeitos legais. Para a lei, a pessoa é considerada dentro do espectro autista quando apresenta as seguintes condições:

1. Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social, ausência de reciprocidade social, falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento.
2. Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns, excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados, interesses restritos e fixos.

8. AUTISTAS TÊM DIREITO A UMA IDENTIFICAÇÃO ESPECIAL CHAMADA CARTEIRA DE IDENTIFICAÇÃO DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (CIPTEA).

A partir da redação dada pela Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020, foi criada a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, ou Ciptea. Expedida por órgãos responsáveis pela execução da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Espectro Autista dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, a Ciptea é emitida mediante requerimento acompanhado de laudo médico.

Ela tem como objetivo assegurar a atenção integral, o pronto atendimento e prioridade no atendimento. Por exemplo, em São Paulo, o portador da Ciptea tem assento preferencial em ônibus, vagas especiais em estacionamentos públicos e privados, e acesso ao adesivo especial “Pessoa com Autismo a bordo. Seja gentil, não buzine.”, e atendimento preferencial comparável a deficientes físicos, idosos, gestantes e portadores de crianças de colo.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 14

9. É MENTIRA QUE PESSOAS NO ESPECTRO AUTISTA NÃO TÊM SENTIMENTOS.

Uma das principais desinformações relacionadas ao autismo designa que autistas não têm sentimentos e são incapazes de sentir amor, paixão, raiva ou tristeza. Isto não é verdade. Uma vez que a externalização de sentimentos e emoções depende da organização da linguagem, e de outros elementos intrínsecos à comunicação humana considerada padrão, autistas tendem a apresentar uma limitação de externalização da sua linguagem e comunicação, verbal e não-verbal.

Em casos de autismo severo a limitação pode ser absoluta, uma vez que pode haver a ausência completa do elemento linguagem e comunicação – para indivíduos Asperger, o desafio é diferente, uma vez que a função cognitiva e sua comunicação é, de certa maneira, preservada, a busca pela forma de se expressar, e expressar-se em relação ao outro, representa um dos maiores pesos para um indivíduo autista.

10. AUTISTAS NÃO SÃO TODOS IGUAIS

O autismo é um espectro. Isso significa que não há uma determinação clara e precisa de sintomas, apresentações clínicas, e relatos para que se possa dizer: este indivíduo Aé autista. Diferentemente de doenças estanques, que apresentam um quadro designado e específico de sintomas, como um transtorno de cognição (TDAH, etc), ou demências (Alzheimer e Parkinson), o autismo não pode ser considerado monolítico.

Enquanto um indivíduo autista pode apresentar estereotipias consideradas “exageradas”, outro indivíduo pode não apresentar. Ao passo que um pode ter ausência completa da linguagem (afasia global), enquanto outro, além do desenvolvimento pleno da linguagem, é um bom falador. Isso significa, na prática, que a casuística do autismo é independente – e o quadro nem sempre vai fechar.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 15

Ela tem como objetivo assegurar a atenção integral, o pronto atendimento e Um Asperger pode ter um círculo social muito bem definido, uma vida e uma carreira bem-sucedida, nunca chegar a um diagnóstico, e viver sua vida feliz. Enquanto outro pode apresentar disfunções sociais, quadros de disfunções de humor, depressão, ansiedade, e apresentar problemas em sua sociabilização.

Reitera-se que o autismo não é uma condição estanque, mas representa uma série de quadros e apresentações que dependem eminentemente do quadro clínico observado. O autismo não precisa de cura nem tratamento, uma vez que não é uma doença. Autistas são apenas pessoas que experimentam o mundo com lentes diferentes do restante das pessoas, por isso são chamados de neurodivergentes ou neuroatípicos.

DE ONDE VÊM ESSAS INFORMAÇÕES?

Escrever sobre um tema complexo e envolto de controvérsias é desafiador, por isso, o autor empregou exclusivamente informações obtidas de fontes científicas confiáveis, como periódicos acadêmico-científicos, cartilhas utilizadas por universidades e instituições de ensino etc.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 16

QUADRO DE REFERÊNCIA UTILIZADO (POR ORDEM ALFABÉTICA).

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (Estados Unidos). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5-TR: texto revisado. 5. ed. Washington, Dc: Editora Artmed, 2022.

ARIZONA STATE UNIVERSITY (Estados Unidos). Bernard Rimland (1928-2006). Disponível em: https://keep.lib.asu.edu/libraries/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fkeep.lib.asu.edu%2Fsystem%2Ffiles%2Fembryo%2Fpdfs%2FPeRimlandBSPC.xhtml.pdf. Acesso em: 27 abr. 024.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.. Lei Nº 12.764: Legislação Federal. Brasília, DF, 27 dez. 2012.

BRASIL. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências.. Lei Nº 13.977. Brasília,

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: uma revisão sistemática da literatura. Educação em Revista, [S.L.], v. 33, p. 0-0, 2017. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698142079.

CAMINHA, Vera Lúcia Prudência dos Santos; HUGUENIN, Julliane Yoneda; ASSIS, Lúcia Maria de; ALVES, Priscila Pires (org.). Autismo: vivências e caminhos. São Paulo: Blucher, 2016. 138 p.

CRUZ, Marly Marques da. Concepção de saúde-doença e cuidado com a saúde. Disponível em: https://moodle.ead.fiocruz.br/modulos_saude_publica/sus/files/media/saude_doenca.pdf. Acesso em: 28 abril 2024.

FAPESP. O pediatra colaborador dos nazistas. 2018. Edição 268. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/o-pediatra-colaborador-dos-nazistas/. Acesso em: 26 abr. 2024.

FERREIRA, Luisa Beatriz Pacheco. Um percurso sobre o autismo: história, clínica e perspectivas. Cadernos Deligny, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 110-118, 01 dez. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ. Guia da Empatia: o que pessoas com autismo gostariam que você soubesse.. O que pessoas com autismo gostariam que você soubesse.. Disponível em: https://ifpr.edu.br/foz-do-iguacu/wp-content/uploads/sites/12/2023/03/Ebook-Autismo-1.pdf. Acesso em: 01 maio 2024.

KANNER, Leo. Autistic Disturbances of Affective Contact. Nervous Child, [S.I.], p. 217-250, 1943.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 17

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 53-61, maio 2006. EDITORA SCIENTIFIC. http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462006000500002.

MORAL, Adriana; SHIMAKUBURO, Estela Hosoe; ZINK, Adriana Gledys; MOLINA, Eder Cassola. Entendendo o Autismo. 2017. Disponível em: https://www.iag.usp.br/~eder/autismo/Cartilha-Autismo-final.pdf. Acesso em: 27 abr. 2024.

NOGUEIRA, Geraldo. Autismo é deficiência? 2022. OAB RJ. Disponível em: https://www.oabrj.org.br/noticias/artigo-autismo-deficiencia. Acesso em: 01 maio 2024.

RAO, Ts Sathyanarayana; ANDRADE, Chittaranjan. The MMR vaccine and autism: sensation, refutation, retraction, and fraud. Indian Journal Of Psychiatry, [S.L.], v. 53, n. 2, p. 95, 2011. Medknow. http://dx.doi.org/10.4103/0019-5545.82529.

SANTOS, Daniela Amorim dos; MIRANDA, Lara de Araújo; SILVA, Emília Amélia Costa Pinto da; MOURA, Petrucio Venceslau de; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro de. Compreendendo os significados das emoções e sentimentos em indivíduos autistas no ambiente aquático. Conscientiae Saúde, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 122-127, 4 abr. 2013. University Nove de Julho. http://dx.doi.org/10.5585/conssaude.v12n1.3983.

SCHMIDT, Carlo. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: onde estamos e para onde vamos. Psicologia em Estudo, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 221, 2 jul. 2017. Universidade Estadual de Maringa. http://dx.doi.org/10.4025/psicolestud.v22i2.34651.

SPROVIERI, Maria Helena e ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista. Autismo e alexitimia. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, v. 26, n. 3, p. 53-60, 2006 . Acesso em: 01 maio 2024.

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasilia Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s1516-80342008000300015.

TEODORO, Graziele Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. Research, Society And Development, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 127-143, 6 ago. 2016. Research, Society and Development. http://dx.doi.org/10.17648/rsd-v1i2.10.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 18

Uma linha do tempo psicossocial: o entendimento do autismo enquanto alteridade

Bianca Dos Santos Lima[1]

"O mundo precisa de todos os tipos de mente". Essa é a frase que tematiza e nomeia o TED Talk feito por Temple Grandin, em 2010, no qual a psicóloga, pesquisadora e PhD em comportamento animal ressalta a importância da alteridade na construção de um mundo mais inclusivo e, sobretudo, mais funcional (Grandin, 2010). Diagnosticada com transtorno do espectro autista (TEA) de nível de suporte 1 apenas depois de adulta, Temple conta que sempre soubera que percebia o mundo de uma forma diferente dos outros, mas foi apenas durante a produção de seu segundo livro, Thinking in pictures (1995), que ela compreendeu a natureza dessa distinção. Entrevistando várias pessoas durante seu processo criativo, Temple notou que, enquanto a maioria delas tinha uma linguagem predominantemente verbal e certa tendência a generalizar fenômenos que via ou conceitos que apreendia, ela própria particularizava essas experiências, pensando sempre em objetos e momentos mais específicos e de forma visual – o que ela chama de "pensar por imagens".

Fonte: HappyNeuron Blog

[1] Graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: <biancadslima@usp.br>.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 19

"Se eu digo 'pense em uma igreja', a maioria das pessoas imagina uma genérica. Eu vejo apenas imagens específicas. Elas surgem na minha memória, assim como o Google para imagens. Ok, aqui está minha igreja da infância; isso é específico. Aqui estão mais algumas, de Fort Collins. Ok, e que tal as famosas? E elas simplesmente surgem, meio que assim", exemplifica no vídeo. Consultora da indústria pecuária, ela afirma que seu modo de pensar é parte importante nas inovações que propõe: "no meu trabalho com gado, eu notei muitas pequenas coisas que a maioria das pessoas não perceberia que fariam o gado hesitar. Por exemplo, essa bandeira sendo agitada bem na frente das instalações veterinárias. Este confinamento de alimentação estava prestes a demolir toda a sua instalação veterinária, quando tudo o que precisavam fazer era remover a bandeira. No início dos anos 70, quando comecei, eu me abaixava nos corredores para ver o que o gado estava vendo. As pessoas achavam isso loucura. Um casaco em uma cerca faria com que eles hesitassem, sombras fariam com que eles hesitassem, uma mangueira no chão – as pessoas não estavam notando essas coisas".

Seu reconhecimento acadêmico, didática e popularidade fazem dessa palestra uma das mais assistidas do site da TED. A relevância de suas falas se dá, contudo, pelo impacto da mensagem dentro da própria comunidade autista, o que se vê registrado em comentários do Youtube como: "Sou autista e tenho orgulho de mim. Eu não preciso de uma cura, preciso ser visto e aceito como sou. Obrigada!". Quando Temple explica como sua forma de ver o mundo propiciou que ela também criasse soluções para problemas que antes não eram devidamente enxergados por outras pessoas, ela aponta também para a necessidade de validação de outros pontos de vista, de outras vozes, a fim de que o Outro seja percebido como diferente, mas não como inferior. Temple impactou o mundo com esse discurso pela primeira vez na década de 80, como convidada a palestrar na Autism Society of America (ASA) – até então, apenas médicos, psiquiatras e pais de crianças com TEA haviam sido convidados a falar nesse evento. Tal "verdade subjetiva" é destacada por Laurent Mottron, especialista em neurociência cognitiva, como essencial para que não formulemos narrativas normocêntricas a respeito do TEA, nas quais um determinado conceito de "normalidade", idealizado por pessoas neurotípicas, é utilizado como parâmetro para definir e julgar o transtorno (Mottron, 2004, p. 174). Nesse sentido, tanto a palestra como os mais de 11 livros que Temple escreveu e participou são essenciais para que pessoas dentro do espectro assumam o protagonismo em relação aos discursos sobre suas necessidades e, assim, também se propicie um acolhimento dessa alteridade, em vez do desejo de sua dominação para uma "padronização" ilusória e inexistente.

Ainda que a história de Temple Grandin seja bastante intrigante, a Pergaminho do Tempo desta edição da Futuro do Pretérito (FP) não tem por objetivo produzir uma biografia. A evocação dessa ilustre figura surgiu, portanto, como pano de fundo e exemplo dos dois focos da edição: Educação e TEA. Se a trajetória da pesquisadora é algo tão singular, isso se deve, principalmente,

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 20

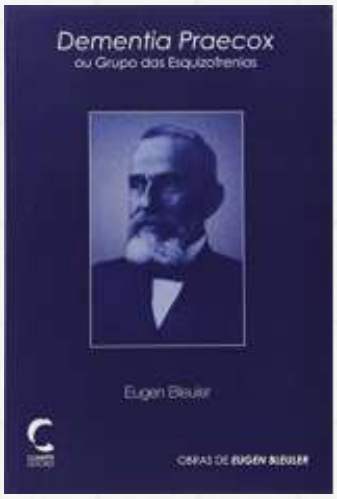
ao fato de não lhe terem sido negados o pleno acesso à educação, a convivência, o apoio de familiares e o direito à voz – mesmo que alcançados com dificuldades e em meio a casos de capacitismo. Tendo isso em vista, a 15.ª edição da FP – que começou a ser produzida em meados de abril, o Mês do Orgulho Autista – busca explorar as vinculações entre TEA e Educação, objetivando que a segunda alcance os mecanismos necessários para incluir propriamente pessoas no espectro. A Pergaminho, mais especificamente, tentará apresentar de forma breve a própria história do transtorno e das leis que regulam seu acercamento no Brasil. Uma vez que os principais marcos concernentes a tais tópicos se situam nos séculos XX e XXI, pois os estudos relacionados são recentes, a Pergaminho optará por destacar nomes e títulos marcantes no lugar de datas, sem deixar de seguir, porém, uma ordem cronológica, e destacando, sempre que possível, pessoas dentro do espectro.

Eugene Bleuler

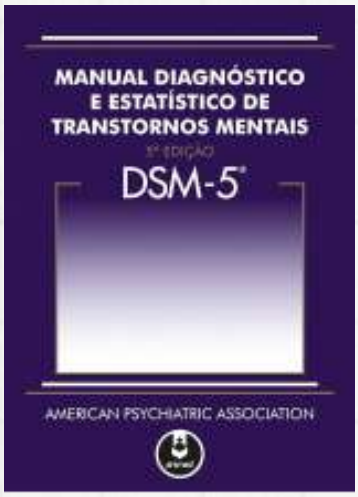
O transtorno do espectro autista é atualmente definido pela Associação Americana de Psiquiatria como "uma síndrome do neurodesenvolvimento que se caracteriza por deficiência persistente na comunicação social e na interação social, e em padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, com grande variação no grau de intensidade e que devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento" (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2003). De acordo com o mesmo órgão, por meio da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais (DSM-V), as pessoas dentro do espectro podem localizar-se em três diferentes níveis de suporte, sendo o 1.º considerado leve, o 2.º, moderado e o 3.º, severo; com cada pessoa tendo suas próprias especificidades que fogem às descrições clínicas.

Tais entendimentos só foram firmados em 2013, 102 anos depois da primeira utilização do termo por Eugene Bleuler, em **1911**, para quem "autismo" teria uma concepção menos detalhada e demasiado diferente. O psiquiatra suíço dedicava-se ao estudo de psicoses em adultos e, em sua monografia intitulada "Demência precoce ou o grupo das esquizofrenias", cunhou o termo "esquizofrenia" – provindo das palavras esquizo e frenia, que significam, respectivamente, "divisão" e "mente". Nesse texto, Bleuler utiliza o termo "autismo" para nomear um sintoma que ele descreve como o "desligamento da realidade combinado com a predominância relativa ou absoluta da vida interior" (Bleuler, 2005 apud Duval, 2011). Vale ressaltar que os estudos psiquiátricos da época eram focados nas questões mentais e cognitivas de adultos, mas Bleuler constatou a presença de casos de esquizofrenia tanto em jovens quanto em pessoas mais velhas, distinguindo, também, os diferentes tipos desse fenômeno. O TEA e a esquizofrenia são, entretanto, consideradas condições distintas atualmente.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 21



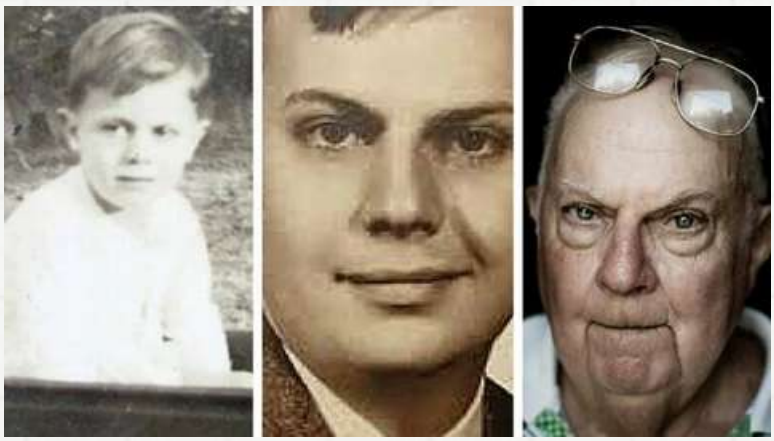
Fonte: Abe Books



Fonte: Livraria Martin

Donald Grey Triplett

Nascido em 1933 em Forest, Estados Unidos, Donald tinha comportamentos divergentes daqueles esperados por seus pais, ambos professores. Além da aparente ausência de reação perante o contato afetivo com os pais, ele se irritava facilmente com mudanças na rotina, na organização ou na disposição dos cômodos da casa, tinha comportamentos repetitivos e não verbalizava muito, ainda que pudesse fazê-lo. Tais características fizeram com que seus pais o levassem para consultas em vários hospitais psiquiátricos. Eles nunca conseguiram um diagnóstico certeiro, mas sempre se recomendava a internação permanente do menino, que deveria, então, passar a viver isolado da família e limitado ao espaço de uma instituição psiquiátrica – prática comum da época. Em 1937, seus pais tentaram, por dois anos, a internação e o visitavam apenas algumas vezes por mês. Contudo, a transformação daquilo que eram hábitos antes percebidos como não-usuais pelos pais em uma evidente apatia, fez com que eles o trouxessem de volta para casa e procurassem outra alternativa.


Fonte: Blog Autismo Consejos Prácticos

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 22

Assim, no mesmo ano, em 1939, decidiram escrever para Leo Kanner, um dos mais renomados psiquiatras infantis do país na época, pedindo ajuda e descrevendo as atitudes do filho que não compreendiam – cartas, somadas aos estudos de mais de 10 casos, fizeram parte do enredamento oficial da história do autismo como um quadro psicopatológico nomeado por Kanner como "distúrbio autístico do contato afetivo", em seu livro homônimo de **1943**. Desse modo, com o empréstimo do conceito de Bleuler para nomear "[um] desejo muito forte de solidão e ausência de mudança" (Kanner, 2012, p. 168), Kanner dotou o termo "autismo" de uma descrição mais precisa, sendo Triplett a primeira pessoa diagnosticada – o TEA, contudo, ainda seria oficialmente considerado um tipo de psicose infantil até a publicação do DSM-III, em 1980. Tal qual Temple Grandin, Donald Triplett teve pleno acesso à educação e ao contato com familiares e amigos, e seguiu uma trajetória de vida comum até seu falecimento em 2023.

Sobre o período em que Kanner publicou seu livro, Marfinati e Abrão explicam que:

> as doenças mentais infantis eram classificadas segundo os moldes da nosografia psiquiátrica do adulto [...] assim, [...] as principais discussões referentes às doenças psiquiátricas na infância eram limitadas à irreversibilidade da hereditariedade, à degeneração, à culpabilidade dos progenitores, etc. (Marfinati; Abrão, 2014)

Esse foi o contexto do surgimento da tese das "mães-geladeira" – tecnicamente denomi-nada etiologia afetiva ou teoria psicogênica. Essa tese, defendida, a princípio, pelo próprio Kanner, culpabilizava as supostas atitudes de "falta de genuíno carinho maternal" de mulheres "incapazes de gostar dos filhos como são" (Donvan; Zucker, 2017, p. 101). A massificação de tal pensamento ocorreu com a publicação do livro A fortaleza vazia, de Bruno Bettelheim, em 1967 – famoso psicólogo da época cuja formação é hoje bastante questionada. Além de promover uma ligação entre o hipotético tratamento indiferente das mães para com seus filhos e os horrores humanitários durante a Segunda Guerra Mundial, Bettelheim propunha que "quando se constatava [...] mães extremamente dedicadas aos filhos, podia-se facilmente interpretar que essa dedicação era reativa por culpa pela má maternagem anterior que havia originado o distúrbio" (Bialer; Voltolini, 2022, p. 8). Corroborava-se, portanto, a ideia de que era necessário internar as crianças para afastá-las das mães e promover, por conseguinte, uma "maternidade terapêutica". Porém, foi justamente o contato entre mães de crianças do espectro dentro dessas instituições psiquiátricas que fez surgir um movimento de apoio mútuo que buscava outros tipos de tratamento para seus filhos, além de firmar uma oposição à teoria das "mães-geladeira".

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 23

Joseph e Ruth Sullivan

Na **década de 60**, surge na mídia norte-americana uma nova narrativa a respeito do TEA e das lutas pelos direitos das pessoas dentro do espectro: os "pais heróis" e seu engajamento na Autism Society of America (ASA). Enquanto muitas crianças diagnosticadas eram negadas por escolas sem que houvesse uma lei que as amparasse, Joseph Sullivan, felizmente, conseguiu iniciar seus estudos em uma escola de seu bairro, em Los Angeles. Nascido em 1960, o menino aparecera em documentários aos 7 anos de idade – o primeiro deles dirigido pelo PhD Barnett Addis – e, em sua vida adulta, participaria também do programa de Oprah Winfrey. Esse destaque na mídia dava-se, principalmente, pela forte atuação de sua mãe, Ruth Sullivan – cofundadora da ASA e sua primeira presidente –, na luta pelos direitos da comunidade autista. Os relatos dos pais sobre seus filhos ganharam espaço em meio ao discurso médico, e as habilidades e diferentes formas de ser, agir e conceber o mundo dessas crianças ganharam destaque, ainda que feitas por terceiros. Ruth se dedicava a estudar e pesquisar os materiais mais recentes publicados no meio acadêmico, assim como todos os pais engajados na causa, e entidades como a ASA passaram a integrar e influenciar de forma efetiva os debates relativos ao assunto. Joseph, o quinto dos sete filhos que Ruth criou, era o único diagnosticado com TEA. Tanto isso como o engajamento de sua mãe em prol de suas necessidades serviram de base ao questionamento de Ruth e de outros cientistas – como Bernard Rimland, que ainda aparecerá nesta linha do tempo – à tese das "mães-geladeira".

Fonte: The New York Times

Susie e Lorna Wing

Os estudos realizados por Hans Asperger apenas um ano após a publicação do livro de Kanner não alcançaram grande público na época. Das mais de 200 crianças tratadas por ele, sobressaíram-se algumas, que Asperger apelidou de "pequenos professores", devido às suas

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 24

capacidades de falar por longos minutos e com precisão de assuntos que as interessavam. Mesmo que o desenvolvimento da linguagem verbal nessas crianças diferisse do que ocorria com os 11 meninos perfilados no livro de Kanner, as dificuldades sociais e emocionais eram semelhantes, o que levou Asperger a nomear o livro em que constrói um quadro diagnóstico de algumas delas como A psicopatia autista na infância. Nele, o pesquisador aponta para uma predominância dos casos em meninos, informação ainda muito presente no imaginário geral, mas já questionada na comunidade científica – os casos de autismo parecem ser subnotificados em mulheres, que costumam ser diagnosticadas apenas na vida adulta devido à própria natureza do TEA em pessoas do sexo feminino e à questões sociais e culturais, que podem tornar as mulheres mais proficientes em "mascarar" as dificuldades decorrentes do transtorno.

Já na **década de 80**, a partir de uma série de estudos iniciados em 1972, a psiquiatra britânica Lorna Wing define o TEA como um espectro, ressaltando sua variedade e flexibilidade, e, influenciada pela leitura de Asperger – agora mais reconhecido mundialmente –, cunhou também a nomenclatura "síndrome de Asperger" – atualmente em desuso, tanto pela descoberta do apoio de Hans Asperger ao Partido Nazista, quanto pelas possíveis falhas éticas e procedurais em suas pesquisas, informações não conhecidas por Wing na época.

A psiquiatra britânica teve uma filha, Susie, diagnosticada com autismo aos 3 anos, em 1959. Nesse período, auge da teoria psicogênica, Wing foi encaminhada à psicanálise por ser considerada responsável pelo quadro da filha e, a partir disso, passou a estudar especificamente o autismo. Com pesquisas e visitas a, pelo menos, 132 famílias em que um dos membros era diagnosticado como autista, bem como em sua vivência com Susie, a pesquisadora notou os problemas relacionados a uma rotulação de pessoas autistas em um conjunto de "sintomas" tão limitado que não permitia que suas necessidades específicas fossem atendidas e tratadas, além de impedir o diagnóstico de pessoas com condições mais leves, de modo a apartá-las de seus direitos enquanto autistas. Em todos os casos, ela notou a existência de três déficits, relativos à imaginação, à socialização e à comunicação, cujo grau de dificuldade apresentado por crianças diagnosticadas variava em cada uma delas, afinal, Wing passa a entender o TEA não mais como um transtorno gradual e, sim, um conjunto de características que se manifestam em diferentes intensidades – essa ferramenta diagnóstica passou então a ser conhecida como "tríade de Wing". Tal entendimento foi essencial para o reconhecimento de pessoas dentro do espectro como mais do que um diagnóstico, pois lhes foi dado, de certa forma, o direito a uma identidade particular e não mais compartilhada com todas as pessoas que tivessem TEA.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 25

Fonte: Healthful Mind Blog

Fonte: Portal Ser Autista

Bernard Rimland

Em contraponto à etiologia afetiva, cada vez mais questionada e combatida, as **décadas de 80 e 90** são marcadas por etiologias orgânicas, que, indo contra a culpabilização dos pais, buscava explicações genéticas para o autismo. Nesse período surgem, por exemplo, teorias que ligam as questões nutricionais dos progenitores e dos fetos aos casos de autismo, ou a um determinado gene no DNA dos pais que passaria para os filhos etc. Em 1998, mais especificamente, a revista Lancet publicou um artigo de Andrew Wakefield em que o pesquisador afirma que as vacinas causam autismo. Após um estudo com 12 crianças que, segundo ele, demonstraram problemas gastroenterológicos após tomarem a tríplice viral – contra sarampo, rubéola e caxumba –, o pesquisador assegurou que um componente da vacina chamado timerosal teria causado as complicações gástricas e que o mercúrio presente nele causava danos ao cérebro, o que poderia causar autismo. Essas teorias causaram certo pânico entre a comunidade de pais, que acabavam:

> [...] pressionados por outros pais de autistas a não vacinar seus filhos e a seguir mudanças da dieta, apontando para os efeitos em cada um destes dos vários embates entre os diversos discursos sobre as etiologias e tratamentos do autismo. Eyal, Hart, Onculer, Oren e Rossi (2010) sugerem que essa teoria alternativa se situa em uma gama de medicinas alternativas, de diferentes abordagens do autismo. Grande parte dos pais misturavam esses vários tratamentos oferecidos – oficiais e não oficiais. Há uma apropriação do saber científico, que vai sendo modificado e transmitido por pais que relatam suas estórias de vida para outros pais de autistas. (Bialer; Voltolini, 2022, p. 8-9)

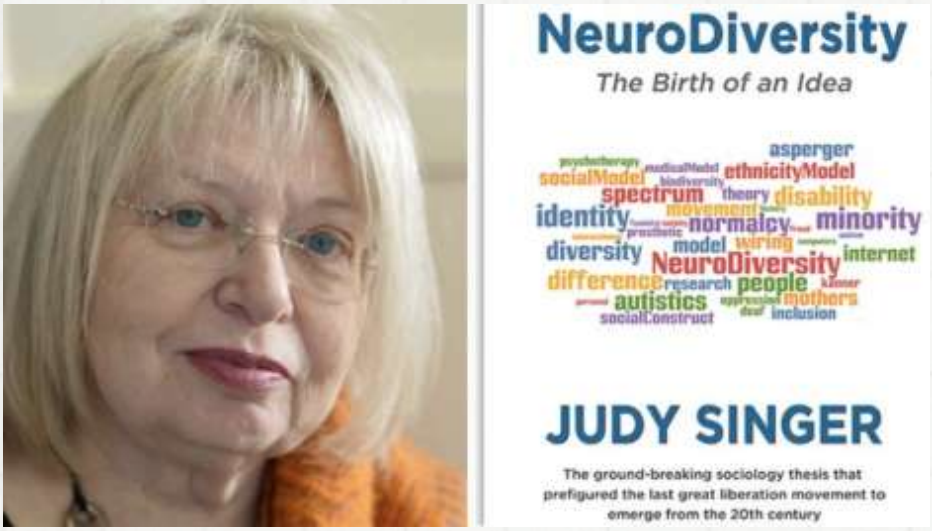
REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 26

Dentre os cientistas da época que buscaram combater o que foi afirmado por Wakefield, destaca-se Bernard Rimland, psicólogo e pai de um menino autista que, assim como outros pesquisadores citados anteriormente, debruçou-se sobre a questão do TEA após o diagnóstico do filho – a princípio, Rimland visava, sobretudo, demonstrar a falta de bases sólidas na teoria das mães-geladeira, pois conhecia casos como os de Ruth Sullivan, bem como presenciava diariamente o cuidado de sua esposa, também psiquiatra, com o filho do casal. Rimland publica um artigo no mesmo ano demonstrando as problemáticas relativas ao artigo de Wakefield que, posteriormente, admitiu que manipulou os dados em prol de benefício pessoal, pois buscava divulgar uma vacina antissarampo patenteada em seu nome. A revista Lancet retirou artigo de seus arquivos por falta de comprovação e Wakefield perdeu sua credencial médica em 2014, contudo, a ideia de que vacinas causam autismo teve grande alcance e foi recuperada por grupos antivacina durante a pandemia de Covid-19, de modo que seu enfrentamento ainda demandará tempo e esforço, mesmo que Rimland já tenha desmentido essa ideia há mais de 30 anos.

Judy Singer

Influenciada pelo trabalho de Lorna Wing, a socióloga australiana Judy Singer cunhou, em **1998**, o termo “neurodiversidade”. Ela, que havia começado a estudar sobre o TEA por desconfiar que sua filha fazia parte do espectro, acabou também diagnosticando a si mesma e a sua própria mãe. A partir daí, passou a analisar o transtorno de forma social em suas pesquisas. Tendo como base o conceito de “biodiversidade” – em que tanto plantas como diversas espécies animais são abarcadas como parte de um mesmo conjunto, ainda que suas formas de existir no mundo sejam diferentes – e a ideia de “espectro”, Singer propõe que todas as configurações neurológicas humanas fazem parte de um mesmo conjunto que compõe sua “neurodiversidade”. Dessa forma, o TEA passa a ser visto como uma característica inerente à humanidade e, por conseguinte, não são mais válidos os preceitos da época de Kanner, segundo os quais o autismo apenas poderia ser visto como uma doença. O foco, então, deixa de ser as causas do autismo, ou sua cura – uma vez que ele não é mais compreendido como doença –, para recair na inclusão de pessoas com TEA e em tratamentos que possam ajudá-las a manejar seus déficits do mesmo modo que neurotípicos também devem buscar ajuda quando encontram dificuldades psíquicas ou sociais. Tais aspectos já haviam sido levantados por Temple Grandin em sua palestra na ASA em 1980 e, agora, passavam a encontrar cada vez mais espaço no mundo acadêmico.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 27



Fonte: Linkedin

Dia do Orgulho Autista e dia Mundial da Conscientização do Autismo

Em **2005**, a organização norte-americana Aspies for Freedom estabeleceu o dia 18 de junho como "O Dia do Orgulho Autista", visando combater a visão de autismo enquanto doença, muito difundida na sociedade devido à própria história da concepção e compreensão dessa condição neurológica. Os movimentos iniciados pelos pais engajados nas lutas por direitos autistas, somados às pesquisas de Lorna Wing, Judy Singer e ao espaço dado a pessoas do espectro, como Temple Grandin, permitiu que o TEA passasse a ser compreendido como uma diferença. Mas a aceitação plena dessa alteridade ainda demanda muitos esforços, afinal, a duração da concepção antiga na história fez com que ela se enraizasse no imaginário popular. No Brasil, no mesmo ano, um grupo de pais em Brasília, sob o lema "aceitação sim, cura não", caminhou pelas ruas da cidade em um movimento de apoio à data criada pela Aspies for Freedom, fazendo com que ela fosse, posteriormente, incluída no calendário de celebrações brasileiro. Dois anos depois, em **2007**, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o dia 02 de abril como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo – uma das motivações para a escolha do tema Educação e TEA pela FP. A criação dessa data visa incutir nas pessoas a curiosidade de entender melhor o que é o TEA, além de divulgar informações sobre essa condição, de modo a reduzir os preconceitos em relação a ela e às pessoas no espectro, permitindo, assim, que elas tenham seus direitos assegurados. A data foi oficialmente incluída no calendário brasileiro em 2018, por meio da Lei n.º 13.652.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 28

Fonte: Página da UFPI no X, antigo Twitter

Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

Desde 1971, a ONU passou a realizar convenções que tratam dos direitos das pessoas com deficiência e o papel das organizações internacionais perante tal assunto. Essas convenções, bem como a mentalidade, o vocabulário e o tratamento acerca dos portadores de deficiências e de suas necessidades, sejam elas físicas ou mentais, sofreram grandes mudanças ao longo das décadas, assumindo, inclusive, diversas nomeações. Apenas nos anos 2000, as convenções receberiam o título de "Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência", excluindo, assim, termos atualmente considerados pejorativos. A convenção de **2007** – assinada pelo Brasil no mesmo ano e ratificada no ano seguinte com o Decreto Legislativo n.º 186 – tinha como objetivo reforçar os preceitos de dignidade e igualdade inerente a todos, de modo que a exclusão ou preconceito contra pessoas com deficiência (PCDs) constituiria uma violação desse acordo, assinado por 164 nações. No documento, são reconhecidos: que "deficiência" é um termo em evolução, abrindo espaço para a ratificação do documento e de seus termos em caso de mudança, além de demonstrar abertura perante novos estudos sobre o assunto e a necessidade de os realizar; a necessidade de trazer a discussão sobre deficiências para a esfera pública, a fim de criar políticas sociais relativas à questão; a diversidade das PCDs e a obrigação do Estado em garantir seus direitos e trabalhar para a sua autonomia; e o dever de uma cooperação internacional para auxiliar nessas questões. O texto foi essencial para que o TEA e outras deficiências, mentais ou físicas, passassem a dispor de legislações específicas nos mais diversos países.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 29

Lei Berenice Piana

Mãe de três filhos, a ativista Berenice Piana encontrava dificuldades para guiar o desenvolvimento de seu filho caçula, Dayan, assim como havia feito com os outros dois. Piana percebia que o menino tinha dificuldades em socializar e que passava a desenvolver hábitos e atitudes cada vez mais repetitivas. Na época, porém, meados da década de 90, nenhum médico conseguiu lhe dar respostas que pudessem ajudá-la, já que o termo "autismo" ainda era pouco conhecido e discutido no Brasil. Era notável também a exclusão cada vez maior que o menino sofria e a qual se submetia na escola, não se sentindo estimulado intelectual e socialmente. Piana só conseguiu encontrar uma solução com a matrícula de Dayan em uma clínica-escola no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, a mais de 40 Km de sua residência, onde, por meio dos estímulos corretos, o menino conseguiu se alfabetizar e melhorar suas interações sociais.

Foi estudando sozinha que Piana chegou à conclusão de que seu filho poderia fazer parte do espectro autista, diagnóstico que só viria anos depois de Dayan já estudar no bairro da Urca. Tais dificuldades enfrentadas pelo menino impulsionaram a mãe a entrar no ativismo pelos direitos das crianças com TEA, levando-a a ser coautora da Lei n.º 12.764, de **2012**, que também leva seu nome. A partir dessa nova legislação, o TEA passa a ser oficialmente entendido como deficiência, tendo, portanto, assegurados todos os direitos contidos no Estatuto da Pessoa com Deficiência. Assim, institui-se a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, prevendo a participação da comunidade e do Estado na formulação das políticas públicas voltadas para os autistas, além de sua implantação, acompanhamento e avaliação. Com essa política, torna-se crime a recusa da matrícula ou cobrança de taxas de pessoas com TEA em escolas regulares, e é estabelecido o direito a um acompanhante especializado, assim como um plano de ensino individualizado (PEI), com adaptações de atividades, materiais didáticos e provas para estimular adequadamente o desenvolvimento da pessoa no espectro.

Fonte: Defensoria Pública do Estado do Amazonas

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 30

Lei Brasileira de Inclusão (LBI)

Criada em **2015** e em vigor desde 2016, a Lei n.º 13.146, também conhecida como "Estatuto da Pessoa com Deficiência", amplia diretrizes estabelecidas na Lei Berenice Piana. Agora, a discriminação, o abandono e a exclusão de PCDs é penalizada com reclusão de 6 meses a 3 anos; os familiares e cuidadores passam a ter direito ao benefício de prestação continuada (BPC) para custear e ajudar em eventuais remédios ou tratamentos; é garantido o direito de acesso ao mercado de trabalho com as eventuais adaptações necessárias, incluindo redução de jornada de trabalho; estabelece-se o direito a benefícios como liberação do rodízio veicular, passe-livre e meia-entrada em eventos culturais; além de outras mudanças no Código Eleitoral, Código de Defesa do Consumidor, Estatuto das Cidades, Código Civil, Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) etc. A partir da LBI, a palavra "deficiência" "deixou de designar uma condição estática e biológica da pessoa, e passou a ser abordada como o resultado da interação das barreiras impostas pelo meio com as limitações de natureza física, mental, intelectual e sensorial do indivíduo" (Bandeira, 2022), de modo a desestigmatizar essa população e a reduzir os preconceitos em relação a elas e suas necessidades.

Fonte: Editora Foco

Lei Romeo Mion

Sancionada em **2020**, a Lei n.º 13.977 – também conhecida como Lei Romeo Mion, em homenagem ao filho do apresentador Marcos Mion, de 17 anos, que está dentro do espectro – cria a Carteira de Identificação da Pessoa com TEA (CipTEA) e estabelece a presença dessa condi-

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 31

ção no censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por meio da carteirinha, facilita-se o acesso das pessoas dentro do espectro a seus direitos, pois, uma vez que o TEA é considerado uma "deficiência invisível", não sendo identificável apenas pelo olhar, pode haver entraves no acesso a filas e assentos preferenciais, por exemplo. Já o estabelecimento do TEA no censo permite uma melhor dimensão da distribuição do transtorno no território brasileiro, possibilitando, por conseguinte, um melhor direcionamento de políticas, recursos e instituições voltadas à questão. Vale salientar que, infelizmente, o censo de 2020 foi adiado pelo governo federal do período — primeiro por conta da pandemia de Covid-19 e, nos anos seguintes, por um corte orçamentário —, mesmo que ele tenha aprovado a lei e a presença do TEA na pesquisa. Realizado somente em 2022, em outro governo, o novo censo só poderá divulgar os resultados em relação às PCDs e sobre o TEA no último trimestre de 2024, segundo o IBGE, mas outros dados de contagem mais tradicionais – como acesso a rede de esgoto, internet, renda e afins – já podem ser acessados.

Fonte: Senado Federal

Após esse breve panorama, é possível perceber que a vida de Temple Grandin, figura que introduz esta linha do tempo, se interliga com a própria história do TEA, não só pela palestra na ASA, mas também pelos acontecimentos decorridos em si. A "institucionalização" que era recomendada a crianças com autismo foi descartada por sua mãe, que a manteve no contato com a família e os amigos; seu diagnóstico veio de forma tardia, como geralmente ocorre com as mulheres; a busca por políticas públicas e assistência travada por seus pais dialoga diretamente com as lutas travadas por pais em todo o mundo, que acabaram por realmente desencadear mudanças; seu ativismo e exemplo levaram ao questionamento da etiologia afetiva e aos estigmas que isso criava em relação às mulheres; sua fala sobre as "diferentes formas de perceber e interagir com o mundo" ecoam nos estudos de Lorna Wing e Judy Singer, sendo todos primordiais para a não estigmatização de pessoas com TEA, assuntos de extrema importância nas legislações relativas a elas.

O atual sucesso pessoal e profissional de Temple, assim como a possibilidade de vidas dignas para Donald Grey Triplett, Joseph Sullivan, Susie Wing, Judy Singer, sua mãe e sua filha, Dayan Piana, Romeo Mion e muitas outras pessoas dentro do espectro, deve-se, principalmente, ao convívio pleno com a família e comunidades escolares plurais – processo oposto ao da institucio-

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 32

nalização. Se o mundo se beneficia da convivência dos diferentes tipos de mente, como aponta Temple, a educação é o campo mais propício para concretizar essa ideia, pois seu maior trunfo, como aponta Paulo Freire, é ser uma prática de libertação: não só pessoas com TEA com acesso pleno à educação podem desenvolver melhor suas habilidades, como também pessoas neurotípicas confrontarão seus preconceitos a respeito de PCDs por meio dessa convivência plural. Vale salientar que faltam recursos financeiros e estruturais que possibilitem tal realidade sem a sobrecarga de professores, instituições de ensino e famílias de pessoas com TEA; mas, como o presente texto visa ilustrar, é inegável a necessidade desses investimentos para concretização das próprias definições de vida e educação dignas.

Para mais informações acerca dos direitos de pessoas com TEA, recomenda-se a leitura do Manual dos direitos da pessoa com autismo, elaborado pela Câmara Municipal de São Paulo em 2021, disponível online em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/escoladoparlamento/wp-content/uploads/sites/5/2021/11/Manual-dos-Direitos-da-Pessoa-com-Autismo.pdf>.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 33

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, Carlos. "Um breve histórico do autismo infantil". Sanar, 22 out. 2020. Disponível em: <https://blog.sanarsaude.com/portal/carreiras/artigos-noticias/colunista-psicologia-um-breve-historico-do-autismo-infantil>. Acesso em: 10 maio 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Autism spectrum disorder. In: _____. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. 5th Ed., Washington, DC: American Psychiatric Association, p. 50-59, 2003.

AUTISM SERVICES CENTER. "Joseph's Story". Huntington, WV, 2021. Disponível em: <https://www.autismservicescenter.org/about/josephs_story>. Acesso em: 10 maio 2024.

AUTISMO E REALIDADE. "Berenice Piana: um marco nos direitos dos autistas". São Paulo, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2020/03/30/berenice-piana-um-marco-nos-direitos-dos-autistas/>. Acesso em: 10 maio 2024.

_____. "Há diferenças entre homens e mulheres com autismo?". São Paulo, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2020/07/30/ha-diferencas-entre-homens-e-mulheres-com-autismo/#:~:text=O%20diagn%C3%B3stico%20de%20Transtorno%20do,por%20que%20existe%20tamanha%20diferen%C3%A7a%3F>. Acesso em: 10 maio 2024.

_____. "Um breve olhar sobre a maternidade na história do autismo". São Paulo, 20 maio 2022. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2022/05/20/um-breve-olhar-sobre-a-maternidade-na-historia-do-autismo>. Acesso em: 10 maio 2024.

BALDISSERA, Olívia. "Temple Grandin, a psicóloga e pecuarista que quebrou estereótipos sobre o autismo". Pós PUCPR Digital, 14 maio 2024. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/temple-grandin>. Acesso em: 10 maio 2024.

BANDEIRA, Gabriela. "Lei Brasileira de Inclusão e autismo: como a legislação ajuda pessoas com TEA". Genial Care, 03 mar. 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/lei-brasileira-de-inclusao>. Acesso em: 10 maio 2024.

BERTI, C.; NAKANO, C.; GAIATO, N. et. al. Manual dos direitos da pessoa com autismo. Câmara Municipal de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/escoladoparlamento/wp-content/uploads/sites/5/2021/11/Manual-dos-Direitos-da-Pessoa-com-Autismo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. "Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história". Psicologia em estudo, v. 27, e45865, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Gd3KgdZhpWFdTHrgbDRNr5S/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

BLEULER, Eugen. Dementia Praecoux ou o Grupo das Esquizofrenias. Lisboa: Climepsi, 2005.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 34

BRASIL. Ministério da Justiça e Cidadania. Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/Oficina%20PCF/JUSTI%C3%87A%20E%20CIDADANIA/convencao-e-lbi-pdf.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. Outra sintonia: a história do autismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 700.

DURVAL, R. "As esquizofrenias segundo Eugen Bleuler e algumas concepções do século XXI". Revista de Psiquiatria de Lisboa, v. 25, 2011.

KANNER, L. "Os distúrbios autísticos do contato afetivo". In: ROCHA, P.S. (org.), Autismos. São Paulo: Escuta, 2012, p. 111-170.

MARFINATI, A.; ABRAO, J. "Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo". Estilos clínicos, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, ago. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2024.

MOTTRON, L. L'Autisme: Une Autre Intelligence: diagnostic, cognition et support des personnes autistes sans déficience intellectuelle. Bruxelles, BE: Mardaga, 2004.

POZZEBOM, Elina Rodrigues. "Orgulho autista é celebrado em 18 de junho, mas caminho para inclusão ainda é longo". Agência Senado, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/orgulho-autista-e-celebrado-em-18-de-junho-mas-caminho-para-inclusao-ainda-e-longo>. Acesso em: 10 maio 2024.

RISSATO, Heloise. "5 médicos que mudaram a história do autismo". Genial Care, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/medicos-na-historia-do-autismo>. Acesso em: 10 maio 2024.

GRANDIN, T. "O mundo necessita de todos os tipos de mentes". TED, Youtube, 24 fev. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fn_9f5x0f1Q>. Acesso em: 10 maio 2024.

VENTURA, Luiz Alexandre. "Resultado do Censo 2022 sobre pessoas com deficiência só deve sair no último trimestre de 2024". Estadão, Blogs. São Paulo, 12 jan. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/resultado-do-censo-2022-sobre-pessoas-com-deficiencia-so-deve-sair-no-ultimo-trimestre-de-2024>. Acesso em: 10 maio 2024.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 35

RELATOS

Por: Amanda de Oliviera Labigalini

Para entender mais sobre a relação entre TEA e a educação, chamei quem entende do assunto e está sempre se aprimorando profissionalmente para que possa atender seus pacientes da melhor forma, a psicóloga Natália Moraes, especialista em autismo pela USP (sua primeira especialização), UNIFESP e UFSCAR.

Amanda: Como você acha que a criança e/ou o jovem autista está inserido no contexto escolar? Acredita que há inclusão? Se sim, de que forma?

Psicóloga Natália Moraes: Certo, o que eu vejo é que existe uma polarização entre a rede pública e a rede privada. Fala-se muito sobre a inclusão dessas pessoas, desses indivíduos, e nem sempre a escola consegue incluir, independentemente de ser particular ou não, da melhor forma possível. A gente, enquanto profissional que atende as famílias, que convive com algumas mães de indivíduos que a frequentam, a gente tem poucos relatos positivos a respeito da inclusão, num sentido bem geral. E muitos relatos de dificuldade, relatos a respeito da escola não aceitar o acompanhante terapêutico, da escola não ter esse profissional, ou até mesmo da escola ter esse profissional, só que não ser um profissional especializado. Isso tudo impacta no processo de inclusão, nós temos indivíduos que estão sendo colocados com os pares, mas não estão sendo de fato incluídos, não são incluídos na adaptação das brincadeiras, ou não são incluídos na adaptação das atividades pedagógicas para que possam acompanhar o tema. Então, eu vejo que há alguns relatos de experiências positivas, mas a maioria são de experiências negativas com a inclusão dos indivíduos com autismo.

Amanda: Sua resposta faz ligação com a minha próxima pergunta. Você acha que é possível ter inclusão escolar das crianças e jovens autistas sem o/a acompanhante terapêutico(a)?

Psicóloga Natália Moraes: Pensando no campo pedagógico, eu acredito que é possível desde que a escola tenha um profissional que vá olhar para a particularidade de cada criança ou de cada indivíduo. Eu não gosto de dar respostas muito “eu acredito total”, ou “eu não acredito total”, eu acho que tudo depende. Se a escola tiver um profissional que vá olhar para as particularidades e necessidades de cada indivíduo, tanto no aspecto das lições, na adaptação das atividades, em como fazer aquele indivíduo

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 36

participar do tema, em como entender que tipo de ajuda ele precisa para isso, eu acho que é possível. Agora, pensando no ponto de vista comportamental, eu acho que é um pouco mais difícil. Porque o acompanhante terapêutico está ali com a função não só na análise de tarefas pedagógicas, como também para auxiliar o indivíduo nas AVDs (atividade de vida diária) – muitas vezes orientada por uma terapeuta ocupacional da equipe. Ele tá ali para dar o suporte de comunicação suplementar alternativa, caso a criança necessite, muitas das vezes orientada por uma fonoaudióloga. Esse acompanhante terapêutico está ali para fazer a medicação entre os pares, para manejar o comportamento. Então, eu vejo que não é suficiente a escola só oferecer um ajuste pedagógico. Eu acho que para a inclusão ser efetiva é necessário um acompanhante.

Amanda: Sim, a inclusão não é só o indivíduo estar ali na escola, envolve muitas coisas como você apontou. Olha a importância de um acompanhante terapêutico e o seu papel de mediar tantas relações. E é muito difícil que uma escola, principalmente a pública (muitos alunos em uma sala para uma professora), consiga ter esse olhar que só o acompanhante terapêutico conseguiria.

Psicóloga Natália Moraes: Sim, é um profissional fundamental. É um profissional que além de tudo, ele, em sua maioria, sabe ler aquele aluno, sabe ler o indivíduo, sabe identificar as contingências daquele ambiente, consegue identificar quais são os comportamentos problemáticos. Então, ele tem um papel fundamental, inclusive para dar um feedback para a família, de uma forma mais precisa, mais rápida e que a família consiga ficar mais tranquila sobre como está o desenvolvimento dessa criança na escola. Não que os demais profissionais não façam isso, mas como o acompanhante terapêutico está individualmente para aquela criança, ele tem mais riqueza de intervenção.

Amanda: Com certeza. Já falando da família, como você acha que a família se sente quando esse(a) filho(a) vai para a escola? É um momento de esperança, de aflição?

Psicóloga Natália Moraes: A escola tem um papel fundamental de auxílio no diagnóstico, justamente porque existem alguns casos em que a família não consegue perceber os sinais. Nós temos aí um momento histórico, em que os pais estão tendo seus filhos cada vez mais velhos, a gente não tem às vezes a proximidade de outros familiares, ou até mesmo o convívio com outras crianças da mesma idade, então isso deixa as famílias um pouco sem parâmetro. Quando essa criança vai para a escola e ela destoa um pouco das outras crianças, a escola é um ponto de partida para as famílias.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 37

Pensando nisso, talvez no pensamento das famílias, não há preocupação com a inclusão, uma vez que elas não sabiam do diagnóstico.
Agora, pensando em crianças que já estão diagnosticadas, as famílias ficam muito angustiadas com esse momento, muitas lutando pelo seu direito de ter o acompanhante que as tranquiliza um pouco mais. A gente não quer dizer que ter um acompanhante é a solução de todos os problemas, mas as famílias se sentem mais seguras com esse suporte. Só que nós temos uma veiculação muito negativa de crianças autistas na escola, muito recentemente. Então, a mídia, as redes sociais, , algumas mães têm se posicionado a respeito de algumas negligências, de alguns maus tratos. Hoje, eu vejo que algumas famílias se sentem muito preocupadas em deixar seus filhos nas escolas, por não terem o acompanhante, ou pela preocupação com o bullying, ou com a negligência, o assédio, ou pelo simples fato de não saber se sua criança está sendo incluída de verdade.

Amanda: Qual a importância da escola para a criança/jovem autista?

Psicóloga Natália Moraes: É... acho que vou de novo no depende. Acho que a escola é primordial para o convívio, a gente tem muitas oportunidades de interação com os pares, situações de comportamento com o grupo, situação de experimento de regra, então é um ambiente muito importante no desenvolvimento. No entanto, eu observo que, assim, a gente também consegue fornecer situações sociais de outras formas. Então, eu acho que, uma vez que é viável e possível, que a família esteja confortável, que tenha um acompanhante terapêutico, que a família esteja em contato com a equipe escolar, que haja integração para entender que aquela criança está realmente se desenvolvendo, é super importante. Mas algumas famílias têm enfrentado muitas dificuldades e é por isso que digo que tudo depende. Tenho casos de família que mandam seus filhos para a escola e após uma hora, escola liga para que eles busquem o filho, porque ele não está ficando bem. Aí a família é obrigada a retirar e isso impacta em diversos aspectos, como a mãe vai poder trabalhar, como eu vou dizer que a escola é um espaço de socialização se a escola, muitas vezes, não consegue dar esse suporte para que isso ocorra. Eu não quero ser polemista, porque têm muitas escolas que querem fornecer essa inclusão. Porém, muitas escolas não entendem a importância do acompanhante terapêutico, algumas professoras acham que as crianças vão ver esse profissional como autoridade ou como um segundo professor...Mas a escola é de fato muito importante para a socialização, e não só para isso, é para o desenvolvimento no geral.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 38

Amanda: Ou seja, a escola é muito importante para o indivíduo que tem TEA, mas sem o suporte de outros profissionais, como do acompanhante terapêutico e sem essa comunicação aberta entre família, escola e terapia, só com a escola, a inclusão já não é feita de forma adequada e ela perde um pouco do seu sentido para essas crianças. O que dificulta a inserção das crianças ou dos jovens com TEA na escola?

Psicóloga Natália Moraes: Pensando no TEA e nas dificuldades que o TEA acarreta para os indivíduos, tudo o que não for olhado a respeito dessas dificuldades será um empecilho para a inclusão dele, de forma mais assertiva. Precisamos que a família e a escola tenham uma boa relação, por dar um suporte maior. Se tivermos acompanhante terapêutico, é mais um ponto legal, que favorece a inclusão, por termos uma pessoa especializada. Se estamos falando de uma pessoa não-verbal, e a escola se mobiliza para colocar pistas visuais, para colaborar com o processo de comunicação alternativa e aumentativa no ambiente da escola, é mais um ponto que favorece. Se estamos falando de uma criança com questões sensoriais, e a escola consegue olhar para essa dificuldade da criança, mais um ponto que favorece. Tem crianças que têm questões com barulho, questões que envolvem a textura (massinha, tinta). Se conseguir olhar para as prioridades da criança/jovem (comunicação, AVD), o que ele precisa é que vai favorecer a inclusão.

Amanda: Para finalizar, qual você acha que é a importância da escola?

Psicóloga Natália Moraes: Além do auxílio no diagnóstico, a escola tem o papel que, posteriormente, a comunidade terá em nossa vida. Então, temos as figuras de autoridade (professora, diretora), temos espaços de aprender, temos espaços de alimentação, então eu vejo na escola um ambiente muito importante para o nosso desenvolvimento. Depois, vamos ter as figuras de autoridade (polícia, bombeiro), vamos ter o espaço de aprender (a faculdade, os cursos), vamos ter o espaço de alimentação (lugares públicos ou lugares privados em casa). E é nessa escola que vamos olhar para a diversidade, é um momento em que os indivíduos, chamados típicos, aprendam a conviver com a diversidade e com a neurodiversidade, que é o que vamos encontrar, depois, na sociedade.

Amanda: Perfeito! Muito obrigada por participar desta conversa.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 39

Conversa com quem manja!

Entrevista com Prof. Luciano Gomes de Sousa

Por: Maria Clara Gerardi Urich

Luciano Gomes de Sousa é professor de língua portuguesa, pesquisador e também comanda um projeto de xadrez para pessoas com TEA. A partir de suas impressões acadêmicas e pessoais, ele compartilha mais sobre o esporte e como este é benéfico para crianças e adolescentes autistas.

Entrevistadora: Boa noite, Luciano! Muito obrigada mais uma vez por ter aceitado participar dessa entrevista. Gostaria de começar com uma pergunta básica: quem é o Luciano?

LUCIANO: Boa noite! Primeiramente, eu gostaria de agradecer essa oportunidade de falar sobre as minhas pesquisas, sobre as minhas ações. Então, quem é o Luciano Gomes? Eu me formei em Letras português-italiano pela FFLCH. No último ano, terminando tanto bacharelado quanto a licenciatura, infelizmente, acontece da minha primeira esposa adoecer e falecer. E assim foi o finalzinho do meu curso: faltando um mês para terminar minha graduação, foi bem complicado, bem tenso mesmo. Por conta dessa perda, que eu não sabia muito como lidar, muitos amigos e e familiares falavam que era bom eu ocupar a mente e tentar entrar no mestrado. Então, eu entrei no mestrado também pela FFLCH e fiz mestrado em Literatura italiana.

Apesar da minha formação ser mais voltada para italiano, eu acabei indo trabalhar como professor de língua portuguesa. Na segunda escola em que fui trabalhar, em Barueri, deveria, além de ensinar o componente curricular, ter um projeto pedagógico, e eu pensei: "Nossa! O que que eu vou fazer?". Lembrei que, durante a minha adolescência, joguei muito xadrez e pensei em fazer um projeto voltado para este jogo. E nele é muito presente o fator da interdisciplinaridade; e o projeto deu certo. Aliás, esse projeto aconteceu numa escola integral de Barueri, em uma escola municipal. A adesão era grande e os alunos

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 40

nunca faltavam.

O principal enfoque era a parte pedagógica, então, eu expliquei para eles sobre as origens do xadrez, sobre o fato de que a consolidação das regras do xadrez foram inspiradas na Europa medieval. Ali, a gente acabava ensinando um pouquinho de história pra eles. Jogando, eles praticavam matemática, porque o tempo todo tem cálculos e o raciocínio lógico, a concentração, várias habilidades ali sendo trabalhadas no jogo de xadrez, bem como as habilidades socioemocionais. Eles aprendem a respeitar o adversário, que tem o tempo dele para jogar e tem que respeitar o tempo do coleguinha para jogar também. Antes das partidas de xadrez, sempre acontece um aperto de mãos, que demonstra respeito ao adversário, e, ao final da partida, independentemente se ganhou, perdeu ou empatou, sempre acontece um outro aperto de mão. É um trabalho muito interessante o uso do xadrez com essa finalidade educativa e pedagógica, porque você acaba trabalhando várias disciplinas e também essas habilidades socioemocionais que vão ser utilizadas não somente na escola, mas no contexto familiar e no profissional. Esse projeto durou três anos e, a partir de um certo momento, nós também começamos a comparecer em torneios internos, escolares e municipais e acho que o que melhor demonstra o quão certo deu esse projeto é o fato de que sou próximo de muitos dos alunos que participaram dele. Mas só lembrando que, nesse primeiro momento, eu não tinha um enfoque em trabalhar o xadrez para neurodiversos.

Entrevistadora: Bem, acho que você deixou o gancho perfeito para a próxima pergunta: quando você começou a focar no xadrez para neurodivergentes?

LUCIANO: Novamente, vou ter que falar de algum aspecto da parte pessoal da minha vida que interferiu nas minhas pesquisas. Percebeu-se, no meu filho mais novo, logo nos primeiros meses, um leve atraso. A gente levou ao médico e o pediatra pediu para fazer terapia ocupacional e encaminhou para o neurologista, para ver se estava tudo certo. E ele ficou nesse processo até os 3 anos, que foi quando ele teve alta de tudo. No entanto, a professora da escolinha Maternal que ele frequentava perguntou pra mim “Mas ele recebeu alta de tudo?”. Eu disse que sim e que estávamos animados. Então, ela falou “Olha, eu peço desculpas, mas eu tenho que falar uma coisinha diferente que eu observo nele. Ele só conversa comigo, ele não conversa com as outras crianças”. Eu fiquei um pouquinho triste na ocasião. Mas a gente levou a questão para a neurologista infantil que o atendia e ela falou “Ah, eu já daria alta, né? Porque para mim tá tudo bem, mas como a professora se queixou dele não falar com outras crianças, vamos pesquisar a possibilidade dele ter TEA”. E, olha, eu confesso minha ignorância no assunto. Nessa época eu ainda tinha uma visão muito

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 41

estigmatizada do autismo, bem superficial e baseada em filmes da década de 80 e 90. Levamos ele em todos os profissionais indicados. E, depois de muita avaliação, de já ter levado a muitos profissionais, eu já estava fazendo vários cursos, lendo e entendendo melhor sobre o transtorno do espectro autista, percebendo até que meu filho poderia se encaixar num quadro de nível 1 de suporte. Só que, quando estava para sair o diagnóstico, inicia-se a pandemia.

De qualquer forma, agora eu já estava mais inteirado sobre o assunto e queria ajudar, não somente meu filho, como também meus alunos. E foi assim que me veio a ideia de como o xadrez pode ser benéfico para pessoas com TEA. Conheci diversas pessoas que trabalham com isso, frequentei muitos cursos e congressos, tanto que uma amiga minha, ainda na pandemia, me chama para dar prosseguimento ao projeto dela, de ensinar xadrez para crianças com TEA de modo online. E eu aceitei de pronto, na hora mesmo. “Nossa! vai ser a realização de um sonho. Obrigado. Eu quero sim participar.” E aí a gente começou a dar o curso, mas meu sonho era fazer este projeto ser presencial.

No ano de 2023, eu levei a ideia deste projeto para a ABRAAC, a Associação Brasileira de Autismo Conexão, que me acolheu prontamente. Aconteceu também que algumas amigas me incentivaram a levar esse projeto para a FIDE, a Federação Internacional de Xadrez, que estava com um projeto de xadrez para crianças com TEA e eu submeti e foi aceito. E essa parceria impulsionou e divulgou muito o nosso projeto, em âmbito internacional. Já recebi mensagem de pessoas de outros países que queriam dicas de como fazer o projeto em seus próprios países.

Entrevistadora: Logo no início da sua fala, você diz que quem primeiro percebeu uma possível neurodivergência no seu filho foi a professora. Eu queria saber, a partir da sua perspectiva tanto de pai quanto de professor, como você enxerga esse papel da escola em relação à observação dessa possibilidade e o posterior acolhimento da criança no espectro.

LUCIANO: Primeiramente, eu tenho uma gratidão eterna a esta professora. Ela chegou em mim de forma muito humilde, delicada e empática, o que considero muito importante em um profissional, especialmente em educadores. O termo técnico do que ela identificou é um sinal de alerta, então, ela viu um sinal de alerta e falou com a família. Todo profissional da educação deveria fazer isso. Se não for o caso de falar diretamente com a família, passar primeiramente para a coordenação, assim eles podem estabelecer este contato direto com os responsáveis. Muitas famílias ficam bravas quando a escola pontua estes sinais, mas o educador não pode ignorá-los. Aliás, alguns sinais de alerta são: dificuldade na interação com outros indivíduos, dificuldade em manter contato visual, ecolalia, ou seja, ficar repetindo frases e palavras que os colegas dizem, mas é

ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito

importante lembrar que nenhum sinal se aplica a 100% das crianças autistas. Tem também as estereotipias, que são movimentos repetitivos, que é uma forma da criança se acalmar.

De qualquer forma, caso o professor veja alguns destes sinais é importante avisar a equipe gestora, para que ela possa informar a família. O ideal é que o diagnóstico seja feito o quanto antes. O diagnóstico precoce, seguido de intervenção precoce, faz com que essa criança, esse adolescente, tenha melhor qualidade de vida lá no futuro. Então, diagnosticando rapidamente já deve haver uma terapia específica para trabalhar naqueles déficits que ele tem, seja linguístico, seja motor ou outros.

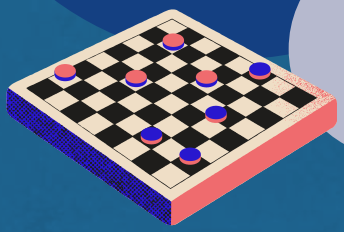
Apenas para concluir, o profissional de educação é importantíssimo para observar esse detalhes e depois repassar adiante. Só que é importante lembrar que a gente não é apto a dar diagnóstico, só neurologistas e psiquiatras que podem diagnosticar oficialmente.

Entrevistadora: Muito obrigada, esta resposta foi muito esclarecedora e certamente vai auxiliar todos nossos leitores educadores. Esta próxima pergunta já volta um pouco para os temas que estávamos conversando no início, quais os benefícios do xadrez para pessoas com TEA? Você acha que a inserção destas atividades no ensino convencional é importante para a aprendizagem destas crianças e adolescentes?

LUCIANO: Eu acho não somente importante, eu acho fundamental introduzir essas práticas interdisciplinares, essas outras formas de trabalhar o saber. Aliás, eu trago essa opinião por conta dos anos que trabalhei na escola, na qual nós tínhamos que trazer um projeto pedagógico junto da nossa disciplina. Eu percebi que esses projetos fizeram uma grande diferença no aprendizado de todas as crianças, não somente as neurotípicas, porque abarca habilidades que não estão presentes nas disciplinas tradicionais. Esses projetos também tornam a escola um lugar que o aluno gosta de estar, porque ele pode desenvolver as aptidões dele e aprender história, português, matemática ao mesmo tempo. Eu entendo que, se a gente só tentar ensinar o aluno a partir de métodos tradicionais, não o atingimos.

Pensando especificamente no xadrez, ele desenvolve todas aquelas habilidades que nós conversamos anteriormente. No caso da criança autista, ele também auxilia no processo de sociabilização, no entendimento dos códigos sociais, ou seja, a interação é muito trabalhada e muito desenvolvida no xadrez. Eu considero que auxilia muito na rotina, que é utilizada para dar a sensação de conforto e previsibilidade para a pessoa com TEA, mas, ao mesmo tempo, ajuda na diminuição da rigidez de pensamento, porque podemos, por exemplo, em uma rodada, jogar com as peças brancas, e, na próxima, jogar com as pretas. Mas,

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 43



realmente, os principais ganhos que eu vejo para as pessoas que têm TEA quando praticam o xadrez estão nesses dois aspectos: na interação e na socialização.

Entrevistadora: Agora vamos para uma última perguntinha, bem básica e rápida. Queria saber se você tem alguma sugestão de mídia, pode ser um artigo científico, um filme, uma série que possa ajudar quem quer saber mais sobre o tema e complementar com as informações da nossa entrevista.

LUCIANO: Olha, eu vou te passar algumas referências posteriormente pelo whatsapp, mas eu recomendo de filme "Rain Man", um clássico e de séries, eu gostei muito de "Uma advogada extraordinária" e "Atypical".

Entrevistadora: Muito obrigada pela entrevista. Foi uma honra ter conversado com você.

LUCIANO: Muito obrigado!!

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 44

COLETIVO AUTISTA DA USP

Glauber Carvalho da Silva

O Coletivo Autista da USP (CAUSP) tem por missão criar tanto espaço de acolhimento a alunes autistas da Universidade de São Paulo, como um local de luta pela permanência dessus estudantes. No documento Perfil e demandas dos membros do CAUSP, de 2023, disponível no perfil do Instagram (@coletivoautista), o coletivo expõe a escassez de dados sobre essa população dentro da USP, condição que dificulta a implementação de ações respeitosas e inclusivas para com es autistas.

Em especial, o documento é fruto de uma pesquisa realizada com 111 pessoas autistas da USP, das quais 104 integram o CAUSP, composto por cerca de 198 pessoas. O objetivo era compreender as demandas e características desse público, para que debates sejam alçados e mudanças sejam propostas para a Universidade de São Paulo. Vale destacar que o estudo se propôs a identificar "características demográficas" (como o perfil social e acadêmico des respondentes) e "informações relativas ao autismo" (como algumas comorbidades que es participantes possuem, necessidades de adaptações nos institutos em que estudam para que se sintam confortáveis e as dificuldades sejam atenuadas, e alguns dados sobre discriminação e preconceito vivenciados no ambiente universitário). Além disso, foi perscrutada a "opinião sobre o CAUSP" e destaca-se a constituição do coletivo como espaço de representatividade e acolhimento por e para essus estudantes.

Outrossim, no artigo "Coletivo autista da USP apresenta diretrizes para acessibilidade pedagógica", escrito por Danilo Queiroz para o Jornal da USP, é discutido a implementação do documento *Política de Acessibilidade Pedagógica* – produzido pelo CAUSP a partir de narrativas de alunes autistas da universidade – na Faculdade de Direito (FD) da USP. Essa política se alinha à necessidade de instituir espaços inclusivos e atentos às pessoas autistas nas universidades, levantando também a permanência desse público como um valor fundamental. A ideia é visibilizar a necessidade de adaptações, objetivando uma USP mais acessível e inclusiva.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 45

A partir do artigo supracitado, que levantou alguns depoimentos, foram evidenciadas algumas dificuldades que es alunes autistas encontram na universidade, como no âmbito das avaliações realizadas nas disciplinas, nas quais muites professories apresentam resistência a adequações; mas também na falta de uma rede de apoio, o que impacta negativamente no processo de permanência des estudantes no meio universitário.

Outros documentos e informações substanciais sobre o Coletivo Autista da USP e sobre as pessoas autistas podem ser acessados no drive do coletivo, disponibilizado no perfil do Instagram (@coletivoautista). Cabe ainda dizer que o CAUSP não contém ingressantes apenas dos campi da capital: alunes autistas das unidades da USP no interior também podem participar dessa rede de apoio e luta. Dúvidas podem ser sanadas pelo email: uspcoletivoautista@gmail.com.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 46

BIOGRAFIA

ENTREVISTADO DA VEZ:

Eduardo Pimentel da Rocha é doutor em fonoaudiologia pela FOB-USP, mestre em estudos da linguagem pela UEL, graduado em letras pela UEL. Atualmente realiza pós-doutorado em psicologia do ensino e da aprendizagem pela UNESP e é líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Transtorno do Espectro Autista (GEITEA).

Nickolas de Angelo: Eduardo, muitíssimo obrigado por ter topado essa conversa, queria agradecer em nome da revista, e gostaria de começar pedindo para você falar um pouco mais a respeito de quem é você, quando e onde nasceu, como se descreve e o que você faz hoje em dia.

Eduardo Rocha: Eu é quem agradeço a oportunidade. Estou muito feliz em poder participar dessa conversa. Meu nome é Eduardo Pimentel da Rocha, sou o irmão do meio da Bruna e do William, filho da Luzia e do José, e natural de Bauru/São Paulo, onde nasci em 14/01/1991. Eu sou um eterno estudante da escola pública, onde fiz todas as etapas de ensino, desde a educação infantil até o pós-doutorado. Sou graduado em Letras Estrangeiras Modernas, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) (2010-2014), especialista em Synapses, Neurons and Brains, pela Universidade Hebraica de Jerusalém (2014-2014), mestre em Estudos da Linguagem, pela UEL (2014-2016) e doutor em Processos e Distúrbios da Comunicação (Fonoaudiologia), pela Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) (2016-2020).

Fui tutor da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) (2019-2020) e professor do CEFET/MG (2021-2022). Atualmente, faço pós-doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru (2023-atual), onde também sou professor do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (2022-atual). Ademais, coordeno um grupo de estudos, intitulado Grupo de Estudos Interdisciplinares em Transtorno do Espectro Autista (GEITEA), público e aberto a todos, sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA), onde discutimos variadas temáticas sobre o TEA, com vistas a empoderar, com conhecimento científico, pais, profissionais e demais pessoas interessadas em TEA. Por fim, me descrevo como uma pessoa alegre, que tem muito apreço pelo novo, e que está sempre em busca de fazer mais e melhor

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 47

INDICAÇÃO DE LIVRO DO PROFESSOR EDUARDO:

Fonte:https://www.amazon.com.br/Muito-Alemdonossoeu

INDICAÇÃO DE FILME DO PROFESSOR EDUARDO:

Fonte:https://www.kobo.com/br/pt/ebook/star-wars-episode-iv-a-new-hope-3

aquilo que gosta, a saber, ensinar e pesquisar.

N.A.: Como foi sua infância? Você se lembra de algum professor que te marcou?

E.R.: Minha infância foi tranquila e muito alegre. Como uma criança dos anos 90, posso dizer que cresci brincando com os amigos na rua, o que era muito comum neste período. Durante a vida escolar, tive vários professores que me marcaram, mas posso citar aqui, dentre todos, um querido professor de História, do ensino fundamental e médio, chamado Paulo Sérgio, que, com sua paciência e alegria, nos ensinava História, mas também nos impulsionava, com suas palavras, a sermos melhores a cada dia, nos mostrando como poderíamos ir mais e além. Eu certamente tenho em mim muito do professor Paulo Sérgio, não tanta paciência como ele, mas a responsabilidade de, enquanto professor, acreditar em meus alunos e impulsioná-los, com minhas palavras, para que eles possam ir mais e além.

N.A.: E já sobre a pesquisa sobre TEA, como foi que ela entrou em sua vida? Teve algum episódio em específico marcante que fez esse movimento?

E.R.: Eu comecei a me interessar pelo TEA em 2010, quando estava no primeiro ano de graduação. Neste ano, tive a oportunidade de realizar uma pesquisa de iniciação científica (IC), a qual me despertou o interesse em entender mais sobre as características da pessoa com TEA, principalmente no âmbito da linguagem. De lá para cá, fiz outras pesquisas de IC, mestrado e doutorado sobre TEA e nunca mais parei de pesquisar sobre. Já são 14 anos fazendo pesquisa e ensinando/compartilhando conhecimento sobre TEA (aulas, palestras, minicursos, indo a congressos, publicações científicas, grupo de pesquisa). Espero continuar pesquisando, ensinando e aprendendo sobre TEA, pelo resto de minha vida, pois é um tema que gosto muito.

N.A.: Estamos em 2024 e o debate sobre os direitos, dignidade, e inclusão da pessoa com TEA são muito diferentes do que eram há não muitos anos atrás. Pensando na sua formação, desde sua fase escolar, como você avalia a transformação da relação das instituições com essa população e onde é que ainda, talvez, estejamos errando?

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 48

E.R.: Apesar das políticas sobre TEA terem ganhado força no Brasil a partir da década de 70, e mais especificamente a partir de 1988 e 1996, com a publicação da Constituição da República e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, respectivamente, na minha época e contexto escolar, anos 90 e 2000, salvo melhor juízo, não era comum o conhecimento sobre TEA. Ademais, creio que, em minha fase escolar, etapas iniciais, nunca tenha tido contato com uma criança com TEA em minha escola. Graças aos esforços de muitos, evoluímos nas questões que envolvem o TEA, e a temática da inclusão escolar, pessoal e social da pessoa com TEA se tornou uma realidade em nossa sociedade, atualmente. Assim, eu vejo a transformação da relação das instituições com a população com TEA necessária e benéfica para todos, pois isso indica que estamos no caminho certo para sermos uma sociedade cada vez mais democrática, justa e que respeita as diferenças. No entanto, vale ressaltar que, até chegar aqui, a História mostra que o reconhecimento dos direitos e capacidades das pessoas com TEA não foi algo muito fácil e veio com muita luta, principalmente de familiares e apoiadores das causas das pessoas com TEA, ou seja, nada foi gratuito, foi com muito custo que a sociedade entendeu que a pessoa com TEA tem capacidades e que esta pode sim contribuir para o desenvolvimento da sociedade, merecendo reconhecimento e respeito. Entretanto, mesmo com estas evoluções na compreensão dos direitos e das capacidades das pessoas com TEA, há muito ainda o que ser feito para que, de fato, as pessoas com TEA possam ter seus direitos e capacidades respeitadas. Do meu ponto de vista, ainda é preciso maior conscientização sobre a pessoa com TEA, seus direitos e capacidades, pois a falta de informação ainda prevalece em muitos contextos, prejudicando esta população.

N.A.: Já complementando a última pergunta, dessa vez de maneira talvez um pouco mais espinhosa (risos), que desafios você vê como fundamentais que nós, enquanto educadores, temos que ter em perspectiva para a inclusão de pessoas no espectro autista?

E.R.: Enquanto educador, o desafio maior é entender que a diferença é parte de nós e intrínseca à existência humana e da sociedade, assim, todos nós somos diferentes, gostamos de coisas diferentes e temos capacidades diferentes, o que, por sua vez, nos proporciona contribuir de maneira diferente. Neste sentido, enquanto educador, precisamos saber integrar as diferenças para que estas possam contribuir para o todo. Ou seja, buscar o melhor de cada aluno, para que juntos todos cheguem no objetivo principal, cada um a sua maneira e contribuindo do seu jeito.

"Que vocês possam ir mais e além e fazer a diferença em nossa sociedade, contribuindo para que esta possa ser melhor e mais justa, para todos"

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 49

N.A.: Professor, foi um prazer fazer essa entrevista; e com certeza foi ótimo saber mais sobre sua trajetória. Para encerrar, você teria alguma indicação para a gente de como você sente que a arte atravessa a sua vida e pesquisa? Que seja mais pessoal, e ao mesmo tempo diga sobre a pessoa que está por trás do profissional. Pode ser um livro, música, indicações de filme... aproveite para deixar uma mensagem para os leitores!

E.R.: Sobre a arte, eu sou um grande fã, apesar de não saber fazer nada. Infelizmente, não tenho o dom para as artes, no entanto, gosto muito de músicas, dança, teatro, pinturas, filmes, livros e tudo mais que a arte nos proporciona. Sempre que posso, saio da rotina de pesquisa e ensino para conhecer e aprender um pouco mais com as diferentes artes. Enquanto sugestão, aqui vão algumas: Livro: Muito Além do Nosso Eu, de Miguel Nicolelis; Música: Invisible Man – The Breeders; Filme: Star Wars, de George Lucas. E para os leitores, deixo a seguinte mensagem: **"Que vocês possam ir mais e além e fazer a diferença em nossa sociedade, contribuindo para que esta possa ser melhor e mais justa, para todos"**. Por fim, gostaria de agradecer, mais uma vez, a oportunidade. Foi um prazer!

INDICAÇÃO DE MÚSICA DO PROFESSOR EDUARDO:

Invisible Man	**Homem invisível**
He's the Invisible Man	**Ele é o homem invisível**
Count the bubbles in your hand	**Conta as bolhas em sua mão,**
The southern skies	**Os céus do sul**
And the summer sites	**E os lugares do verão**
That's all that's left behind	**Isso é tudo o que ficou para trás**
The skies, and a sweet caress	**Os céus, e um doce carinho**
He's the Invisible Man	**Ele é o homem invisível**
Catch him if you can	**Pegue-o se puder**
You're nowhere in sight (just imagine that)	**Você não está à vista (só imagine isso)**
Nothing excites you (baby, that's a fact)	**Nada te estimula (baby, isso é um fato)**
Open your eyes	**Abra seus olhos**
Look and you will find	**Olhe e você vai encontrar**
That's all that's left behind... the skies	**Isso é tudo o que ficou pra trás... os céus**
And a sweet caress	**E um doce carinho**
The skies, the sights	**Os céus, as vistas**
And a sweet caress	**E um doce carinho**
He's the Invisible Man	**Ele é o homem invisível**
Catch him if you can	**Pegue-o se puder**
That's all that's left behind... the skies	**Isso é tudo o que ficou pra trás... os céus**
And a sweet caress	**E um doce carinho**
The skies, the sights	**Os céus, as vistas**
And a sweet caress	**E um doce carinho**
He's the Invisible Man	**Ele é o homem invisível**
Catch him if you can	**Pegue-o se puder**

https://www.letras.mus.br/thebreeders/220581/traducao.html

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 50

PARA SABER MAIS SOBRE

A INTERSECÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

LUDMILLA GONÇALVES

Para saber mais sobre as diferentes dimensões de uma educação inclusiva para alunos dentro do espectro autista, trouxemos nesta edição indicações de uma série, um coletivo e uma dissertação.

ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

Coletivo Autista da Universidade de São Paulo (CAUSP)

O coletivo surgiu como espaço de acolhimento e socialização para pessoas dentro do espectro autista e de luta pelo reconhecimento de suas dificuldades e das transformações necessárias para sua permanência na Universidade de São Paulo.

Em 2022, o coletivo submeteu à Comissão de Graduação da Faculdade de Direito da USP uma Política de Acessibilidade Pedagógica, com indicações de como a faculdade poderia agir para evitar constrangimentos aos quais pessoas neurodivergentes são frequentemente submetidas na sala de aula, além de instruções acerca da necessidade de avaliações e metodologias de ensino mais acessíveis. Naquele mesmo ano, a política foi aprovada (https://direito.usp.br/pca/arquivos/0a65d96ceeff_deliberacao-cg-fd-01-2022.pdf) e há expectativa de que seja reconhecida por outros institutos da universidade.

Além desse documento, o CAUSP lançou um manual intitulado Tenho um Aluno Autista, e Agora? Um Guia para Professores e Funcionários da USP, que pode ser encontrado neste link:

https://www.fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2023-09/CAUSP.pdf.

Para se inscrever no coletivo, caso você seja uma pessoa autista ou esteja em processo de diagnóstico, acesse o formulário:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfWNVCCPmE4vRrWZ-S7LoFzgYmQ9 D3VQDP94EaMgnxn0KB8nA/viewform

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 51

Atualmente, o coletivo promove uma atividade intitulada *Teatro Atípico* no TUSP (Teatro da USP), com turmas às quartas-feiras das 9h às 10h30 e das 17h às 18h30. Para acessar mais informações e tirar dúvidas, acesse a página do coletivo no Instagram:

https://www.instagram.com/coletivoautista/

PUBLICAÇÃO

Dissertação de Mestrado
A inclusão do estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Superior

Informações
Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
Autoria: Sandra Canal.
Disponível em:
https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17047/1/000499545-Texto%2bcompl eto-0.pdf. Acesso em 03/05/2024.

SÉRIE

Everything's Gonna Be Okay (2020)

Gênero: Comédia/ Drama
Direção: Silas Howard
Elenco: Kayla Cromer, Josh Thomas, Maeve Press
Duração: 2 temporadas
Não recomendado para menores de 14 anos
Sinopse
A história gira em torno de Nicholas, um jovem adulto que se torna o guardião de suas meias-irmãs adolescentes após a morte repentina de seu pai. A série aborda temas como: relacionamentos familiares, amadurecimento, pertencimento e aceitação, tendo recebido avaliações positivas tanto da crítica como do público na representação de personagens LGBTQIA + e com TEA.

REVISTA FUTURO DO PRETÉRITO
ISSN 2675-455X - http://www4.fe.usp.br/futurodopreterito
JUN. 2024 - VOL. 2 - N. 6: P. 52

PARTICIPE, A REVISTA É SUA!

Queremos saber o que você está achando da nossa revista

Envie sua sugestão, elogio, crítica ou outros comentários para o e-mail:

revista.futuro.preterito@gmail.com